



Filipe Alexandre de Andrade Sá
Moura

Continuação do Ser:
modo de Vida

Continuação do Ser: Modo de Vida

Sá Moura, Filipe Alexandre de Andrade

Continuação do Ser: Modo de Vida/ Filipe Moura

ISBN 978-85-7869-175

Continuação do Ser: Modo de Vida

Relatos verídicos de
Nelson Brás Pereira

Filipe Alexandre de Andrade Sá Moura

Modo de vida

Aquele que está proclamado, pelo qual está destinado... modo de vida, ou seja é tudo aquilo que herdamos dos nossos antepassados, depois temos a missão, de procriar quando chegamos à idade adulta, aquela que é proclamada pelas leis da sociedade, onde se vive em democracia.

Isto é, tudo o que conseguirmos adquirir, o conhecimento, ou seja, tudo o que procuramos quando sabemos o que construímos.

Por quê?

Porque quando lidamos na sociedade em que estamos inseridos pela força da razão, temos sempre que viver de forma a ser um ser aceitável para que sejamos vistos pela sociedade em si como um senhor, não podemos é ser maldosos, apenas mais dignos que podemos ser; é para isso que vivemos, também sabemos que tem haver entre ajuda.

Por quê?

Porque somos seres para nos servirmos uns dos outros, por isso é que existe o problema adquirido, para falar a verdade quando os males me são maiores.

Por quê?

Porque podemos ser um ser social, mas podemos viver um ser selvagem.

Quando não somos vencidos por seres iguais.

Mas existe sempre e existirá a dúvida, a desconfiança que sempre nos persegue, pela qual somos ensinados, pela qual nos é ensinada e é por aí que caminhamos enquanto temos a certeza de que realmente confiamos, então servimo-nos bem porque praticamos o bem.

Queremos agradar a todos os leitores que possam ler livros, estes meus livros, que podem encontrar em qualquer livraria onde se possam fascinar dos temas que queiram ouvir e ler no vosso deitar.

Será uma boa companhia, jamais irão ler e ver estes relatos tão verdadeiros.

Como os que sentem que dar da verdadeira experiência de quem já errou, mas soube-me curar de todos os males que me perseguiram.

Qual será o tema desta edição?

Relatos Voadores, talvez seja um tema que não será muito chocante, não queremos chocar os leitores, mas os relatos são verdadeiros e são relatados de uma forma que foi vivida de uma forma legal.

Porque tive uma vivência dentro da lei, o crer, imaginamos mil e uma coisas, sentimos na pele o verdadeiro sentir do instinto animal.

Queremos ganhar à força, e sentimo-nos com tal.

Fora da lei, aquele ser que todos nós aprendemos que nos pode encontrar e o peso disso vem a forma que fomos habituados a conviver, porque apesar de todo o mal que possamos fazer, nunca se poderá considerar como mal.

Eu penso que existirá em cada ser uma reencarnação.

Ambição de querer viver, queremos é viver de uma forma que achamos fácil, mas que não é fácil e torna-se difícil, quando caímos nas barras da lei e, quando não temos dinheiro para pagar a bons advogados, pagamos um preço mais caro.

Por quê?

Se não cairmos na graça, também não podemos ser engraçados.

Esta é a minha história, o relato da história de um jovem, filho de pai português, mas nascido em África, fui criado na Pontinha, após uma separação do meu pai com a minha mãe.

A partir daí começou a minha verdadeira vida de querer viver fácil e como já mencionei atrás, o fácil pode-se tornar difícil.

Por quê?

Porque acreditei sempre que a lei nos favorece quando mostramos arrependimento.

Mas quando os fatos são provados a 100%, faça a lei, que se rege pelos tribunais, onde o crime só poderá

verdadeiramente ser provado, que realmente tal aconteceu, isso à parte de vários fatores, que se calhar iriam baralhar o leitor.

Por quê?

Porque seriam difíceis de passar ao leitor o verdadeiro sentido da dor de não sermos perdoados e termos oportunidade de provar de cometer um crime e sentirmos o mal que estamos a praticar.

Quando somos abandonados pela sociedade e somos aquele olhar do bairro, que todos gostam de olhar.

Por quê?

Tem um olhar de procurar, isso advém das capacidades individuais. Porque nascemos sempre com uma herança de progredir na vida, para podermos ensinar também e transmitir uma experiência de vida amarga, e ainda estou a pagar por isso!

Nasci em África, tinha três irmãs: a Elvira, a Cândida e a São. Tá aí um bom começo, de uma história que podia ser uma história brilhante, mas aconteceu por ser uma história menos boa da vida.

Não senti muita maldade dos homens que exercem essa função, os chamados guardas prisionais, sempre os julguei inimigos por não ter que querer aceitar que realmente me podia ter safo naquele julgamento.

Cometi vários crimes ao longo do meu percurso enquanto andei na vida.

Utilizava esse termo que era na gíria, com quem lidávamos, era uma forma de gíria, ou podemos também o termo orientado.

Eram os locais que procurávamos e pela forma de vida que levávamos sempre foram o cais, em que não existia violência ou que não era encontrada violência de forma tentadora ou provocadora, porque realmente nos sentimos bons naquilo que fazemos. Não é bem visto aos olhos da sociedade, porque nenhuma sociedade aceita, que os outros possam viver do crime, se não for encarado como uma necessidade de consumo de substâncias que possam

parecer terrivelmente más, mas elas existem.

E como tal todos nós temos os vícios, mas como tal levamos sempre a mal quando não gostamos de uma coisa que nos foi sempre imperceptível, como mal, mas isso tem uma grande visão dos locais onde todos nós somos criados, são os nossos meios e a convivência faz a nossa formação de querermos e termos a ambição de viver bem e sermos melhor do que o outro.

Existiriam muitas picardias como os putos da minha criação, mas no meio desses putos existia uma rapariga, sempre gostei dela, desde que a conheci, fazia anos no mesmo dia que eu.

Como sempre gostei dela, desde o dia em que a conheci, sempre gostei dela, ela convivia muito comigo e convivia muito com as minhas irmãs, tinha uma relação muito dela, não foi amor à primeira vista, acredito e acreditaria de que nunca existirá mulher como amei aquela, a primeira vez que a beijei, senti-me o verdadeiro leão, todos nós gostamos de nos ver na savana.

Aquele que tem o direito de uma vida igual a todos os homens de ter uma mulher e constituir família.

Mesmo ela aceitando o modo de vida que tenho vivido e este amor só existe uma vez na vida, não me sinto o sábio, nem nunca me considereei como tal, mas conheci-os a todos, estavam integrados de uma forma ou de outra, todos nós temos de ligar, paguei uma factura grande mas isto tudo porque queria ter uma vida boa.

Era bom naquilo que fazia, comecei a fazer assaltos, comecei nos roubos mais simples, fiz alguns de mão armada. Mas depois degradei-me com o consumo excessivo da cocaína, sentia-me bem em fumar e não a queria deixar.

Levava-me a delirar, mas nunca agredi ninguém nos meus assaltos, se não houvesse reação, não teria necessidade de utilizar a violência, teria sempre que atenuar nas barras do tribunal.

Eu sei que quem anda à chuva molha-se, simplesmente pretendia obter o dinheiro ou obter os valores que traziam.

Variava de locais, como cresci na Pontinha, Lisboa foi sempre divertida para mim, encarava esta cidade como já tive oportunidade de ler livros de história, de cidade de valor histórico e cultural.

Eu via a progressão de ter uma vida boa, de poder viver uma vida encordeirada, como tal, ou seja, apenas queria o dinheiro, sabia que estava bem, só queria o dinheiro e sentia-me mal nesses atos, apenas pretendia era satisfazer o meu vício e sentir-me social, no meio social, para estar bem com as pessoas e sentir-me normal, normal no meio do convívio, na relação com as pessoas.

Sentia-me dominador, julgava-me o leão da juba na conquista do seu território e domínio de vida.
Foi assim que encarei a vida de ter uma mulher!

Ora bem... Encarei este modo de vida de uma forma positiva no mal que poderia fazer às pessoas, nunca prejudiquei alguém numa forma de arruinar os outros de uma forma brutal e deixá-los sem nada.

Apenas aproveitava a circunstância do momento e apenas o fazia por dinheiro, para a obtenção rápida para fumar cocaína, mas prolonguei sempre o que era inevitável, que é aquilo que não nasce com um homem, ou até talvez possamos herdar, que a causa que estudar como é o homem que bebe álcool e fuma droga reage na procriação dos genes na hereditariedade que é deixada pela consequência da fecundação.

Não sou o “expert” nessa matéria para poder decifrar tudo isto e poder transmitir ao leitor esta parábola, do tipo falar dela porque tive que falar dela, são modos de vida. Por vezes são encarados bem, por outra são encarados mal.

Por quê?

Porque o modo de vida que a gente aprendeu como já mais acima referenciei, nem sempre se pode actuar com maldade, há que ser perdoado, para ser bem aclamado!

Por quê?

Porque nós vivemos disto, dos padrões, vivemos do sentimento e o sentimento comanda a vida, é uma forma de ambição de se poder ter uma boa vida.

A relação começou, tinha eu 22 anos, estava ingressado no exército, mas não queria ir, mas a lei estava dita assim. E foi aí que tive a verdadeira relação, a paixão que jamais terei igual à Cristina, e aqui começou a relação que todos nós ambicionamos, todos nós queremos encontrar a nossa verdadeira cara-metade.

Vivia de forma intensa, sentia-me que se ela estivesse longe de mim não me sentia bem, e foi aí que se calhar ela aproveitou de ter mais um pouco de poder sobre mim.

Adorava a rapariga, tinha ciúme, mas não era ciúme doentio, era um ciúme saudável e nesse ciúme não existia uma verdadeira maldade doentia que me pudesse levar a obrigar alguém a ficar comigo por imposição minha.

Por quê?

Julgava-me só e se a perdesse iria perder a mulher da minha vida, mas aconteceu. Eu queria ir ao bairro alto e ela ir a uma discoteca no campo pequeno, discutimos e foi aí que acabamos, talvez não fosse a vontade dela, o irmão mais velho nunca aceitou bem a relação. Tive uma briga com ele, mas foi antes de começar a amar a Tina, mas passou foi um momento da circunstância, mas eu gostava dele, mas ele não aceitava o meu modo de vida, nunca mo disse, mas também nunca demonstrou que estava do meu lado, sabendo que eu estava do bem.

Não prejudicava muito, mas ele não aceitava a minha relação com a irmã dele. Ele apenas convivia comigo pela circunstância do contexto, vivíamos no mesmo bairro por isso mantínhamos aquela relação, aquela da nossa criação.

A mãe dela era oriunda de Nelas, dona Conceição, o pai não sei, mas era bom senhor, o Raul.

Aprendeu a viver só às custas da mulher, chegamos uma altura no bairro a proclamá-lo fiscal do bairro, era uma criança, mas já tinha noção do tempo, já andava a estudar.

E foi dessa altura que depressa vi, apesar da pequena idade que tinha, que tinha que lutar pela vida e pelo que tinha: pai, mãe, casa, não me faltou comida, nem nunca me faltou. Porque apesar do baixo ordenado que a minha mãe recebia, eram 11 contos que pagava de renda e aí está o meu pai só pagava a renda, aí está, mas nunca faltou comida.

Por isso, foi o princípio do fim, ou seja, o afastamento pode levar ao esquecimento, penso que foi aquele que me foi deixado na aprendizagem, ao perder o meu pai tive que reagir de igual forma como ele.

Eu olhava para ele como um herói, um homem lutador filho de gente humilde, a avó, Elvira, foi com a qual eu vivi até os 6 anos de idade, até entrar para a escola, o que acontece... habituei-me à minha avó, estava a formar-me, independente do acompanhamento direto do meu pai, mas na altura ainda não tinha os olhos bem abertos, mas tinha a noção do tempo.

Tinha a noção do momento.

São dos relatos mais puros que podem existir no mundo.

Por quê?

Hoje em dia qualquer um pode vir à baila pelo seu modo de vida independentemente do cargo que exerce ou de hierarquia social.

Por isso parte daí, a noção de que realmente ninguém pode ser acusado de nada sem prova concreta, ou seja de forma concreta.

Por quê?

Assim regem-se as leis e todos nós temos acesso, devemos não matar, roubar e violar.

Mas podemos recuar aos primórdios da humanidade e tais acontecimentos se sucediam, porque a história baseia-se nisso.

Somos a continuidade, aquela continuidade que vai ser sempre contínua, aquela que está destinada.

E é a certeza absoluta de que vivemos por uma causa, não somos a continuação de permanecer e existir na Terra.

Não sei, poderia variar o tema, mas poderia atrapalhar a leitura do leitor, poderia desviar a atenção da verdadeira história que aconteceu.

Mas isto são parábolas que durante o livro inteiro vão sempre existir porque vamos especificar melhor e fazer compreender as situações que foram vividas.

Por quê?

Para que se possa ver que foi tudo dentro de uma sociedade onde existiram sempre vidas saudáveis e compreensão, parte da sociedade porque aos olhos dos outros podemos até ser judas, mas há uma coisa muito importante na vida, aquilo que a gente semeia é o fruto que vamos colher.

Mas em frente, tem de ser bem tratado, para que seja o exemplar, o meu pai sempre me viu e queria ver como um rei, mas eu sou o rei, o guerreiro que nem sempre pode ganhar e comecei muito novo.

Quando referi que o fácil não é fácil, mas difícil, foi aí que eu apelidei a caça.

Depois de ter agredido com um estalo na cara aquilo que eu senti foi que a tinha perdido, senti mesmo nos olhos, mais tarde ela tentou reatar comigo, mas eu não aceitei e foi aí que começou a verdadeira história do crime, mas já tinha antecedentes, já estava separado quando cumpri seis meses no presídio militar em Santarém, era o estabelecimento prisional militar.

Na altura foi condenado o Arnaldo, ou seja a história desse indivíduo enquadra-se no meu caminho no meio prisional, no prolongamento do livro o leitor vai compreender o verdadeiro meio social, neste caso prisional, cumpri seis meses foi dado o perdão pelo Papa.

Foi tudo investir para que eu pudesse levar uma vida boa, já me tinha separado da Tina. E o que é que eu fiz? Tentei a sorte.

Ainda cheguei a trabalhar no metro da Pontinha como servente de carpinteiro. Os negros temiam-me, trabalhei com negros de Cabo-Verde, boa gente que queriam uma vida melhor que não tinham no país de origem.

Procuravam Portugal para ter uma vida melhor, no país deles não conseguiam ter por isso a procura que os levou a imigrar do próprio país.

Foi mais fácil procurar Portugal pela proximidade.

Comecei a sentir a proximidade dos cabo-verdianos, de conviver com eles, cabo-verdiano era apelidado de mau porque tiveram de combater a desigualdade e quando chegavam aqui a Portugal eram seres que não eram bem aceites, pois tinha-se passado a guerra do ultramar e nessa altura ainda era puto, era um chavalito, estava a despertar e foi que comecei aquilo que ninguém quer de um filho, comecei a vaguear, nunca fui vadiador, fui um vagueador.

Já tinha o domínio da experiência que tinha do passado, vi a separação dos meus pais com 8 anos, já andava a estudar, e como tal já sabia que aquilo não me iria cair muito bem, senti o afastamento do homem que tinha como um herói.

Ao ver isso perdido, mesmo em tenra idade percebi que teria de ajudar a minha mãe, mas eu amava verdadeiramente o meu pai.

Todos os verões ia passar com ele até os 17 anos ainda prossegui mais tarde quando estava no exército, mas depois começou o afastamento aquele que é natural.

Na altura ele encontrava-se na Figueira da Foz na Escola prática de serviço de transporte onde eu passava as férias com ele.

O meu pai era um homem duro, teve uma infância dura, perdeu o pai com 14 anos era a ambição da minha avó crescer na vida, ter mais apoios e ter mais dinheiro.

O meu pai relatou que a despedida dele foi amorosa, foi de quem gostava porque foi uma despedida apressada, desde da despedida, jamais voltaria a ver o seu pai, mas cresceu arduamente a ajudar a mãe, foi o filho que mais tempo viveu em casa da mãe.

Vivi 6 anos com a minha avó, mas como era duro, tinha vindo de baixo cresceu arduamente, nunca deixou os filhos passarem fome.

Na altura ele era mineiro. Procurava negócios de minério, mas não vingou por aí, foi ciclista também, na altura ingressou no exército e prosseguiu a carreira aí.

Tornou-se num homem normal, ingressou ali pela necessidade da vida, pois assegurou aquilo que todos nós temos de assegurar, uma auto-suficiência.

Isso aconteceu, como ele era um homem duro, amigo do amigo, amigo dos filhos, mas não era de muitas palavras, mas era respeitador e honesto.

Foi isso que ele sempre me quis deixar, mas foi, lá está, foi a separação, afastei-me um bocado, não prossegui com um acompanhamento mais aprofundado da maneira de estar e do modo de vida, de dificuldades de ultrapassar e o obstáculo da vida assegurou um posto de trabalho para assegurar o futuro para poder procriar, são todos bons filhos, somos dignos de sermos filhos dele, mas também em houve falta de compreensão e lealdade da minha parte, tornei-me no ser malandro como tinha dito.

A chicotada psicológica da sensação só me veio agravar, porque nunca mais consegui ver que o bem é para ser praticado, mas como só recebia o mal pela separação só

me tinha no pensamento o mal.

E foi assim que tudo se passou até ao ato da condenação.

Começou por onde?

Já tinha passado a separação, foi quando comecei a ingressar pela solidão, mas era o meu modo de vida já tinha do passado e ali sentia-me salvo da preocupação da desilusão que tinha sentida, mas ali jurei, estás-me a deixar, nunca mais me vou dar.

Prossegui o meu modo de vida era consumir e roubar e foi aí que ainda a procurei e procurei-a várias vezes e foi aí que ela voltou a querer-me aceitar, não sei fizeste-me sofrer, não vou querer voltar a ter esse sentimento, foi doloroso, mas tive sempre de viver e ainda a tenho.

Continuo a tê-la no meu pensamento foi por isso que eu vivi tantos anos na cadeia sempre com o pensamento nela sempre a tive presente no meu ser por isso tenho tanta estima por esta paixão, não vivi outra igual.

Linhó, após três meses de preventivo ingressei no Linhó cadeia de condenados, a minha história aí começa pela bravura de um ser restrito pela bravura, pelo que no qual temos de lidar com o mundo alheio, o que acontece é o seguinte, como eu sabia que o caminho podia ser muito longo em clausura, virei para a selva gerir, era o modo mais fácil de lidar, com quem comete crimes e está dentro da cadeia é um mundo, em que impera a lei da burrice, e quando a gente lida com burros temos de saber lidar com eles, mas se formos demasiados espertos podemos cair, por isso a vida aí a vida tem de ser levada nem tanto à terra nem tanto ao mar, foi essa a minha salvação, foi esse método que optei que me fez vencer, mas o meu começo vai ser longo e foi um começo atribulado porque vi-me sem mulher, sem liberdade vi-me preso, perdido e era novo, pensei em tudo o que poderia ter de ser nos anos que poderia passar ali. Então, o que é que eu fiz? Comecei então por ganhar respeito, não é fácil, mesmo não querendo entrar em conflitos de violência, eles acontecem porque passam por uma rotina que depois mais tarde vim a perceber, a rotina que depois de a ver tive nojo de viver, nunca pensei que seres humanos pudessem fazer tanto mal uns aos outros pelo fato de uns venderem droga, outros serem consumidores porque a vida dentro da cadeia o que gira em torno do monopólio é a droga pois foi assim que eu comecei a fumar heroína, como já tinha entrado na

cadeia pelo consumo excessivo da cocaína, decidi começar heroína, mas de uma forma de brincadeira, olha vou fumar heroína, mas quando dei por mim estava agarrado já não podia fazer nada, mas aprendi a fazer, mas isso será relatado mais tarde, então o começo foi este ter uma vida na cadeia obstante da realidade que foge aos prazeres, apenas me resignei ao consumo de heroína por saber que me ia abstrair da ideia de ter sexo, estava alimentado por um químico que não me deixava pensar em tal. Tive amores platônicos como é legítimo e consegui grandes amores, mas é uma coisa que é garantida, mas não basta só experimentar, não basta só querer fumar, há sempre o aspecto de queremos ser líderes de vermos os outros de uma hierarquia a comandarem aquilo que tu sabes que não dá, é doloroso, é duro de roer, decidi não ter pena de ninguém, porque também estava ali, estava a pagar uma dívida da justiça, mas o meu percurso foi muito mau, se tivesse aprendido esta lição mais cedo teria vencido e não tinha perdido porque sairia no meio da pena, mas a minha imagem estava queimada, estava bastante referenciado, há um relato da minha passagem por estes anos de cadeia, foi o princípio do fim um princípio duro, pelo qual não me posso arrepender pelos anos que fumei a tal droga, ajudou-me a libertar uma necessidade grande que todos nós sentimos, é lógico termos um prazer, termos liberdade de poder caminhar a ser belo gosto, nestes anos

todos tive amores também que construí lá dentro, mas isso ficará para mais tarde, agora vou falar do percurso que é longo, não sei como todos começam pela entrada quando são condenados que é procurar um bem estar, mesmo dentro da vida em clausura, mas isso é tudo subjetivo, porque no nosso bem-estar pode não agradar a quem nos olha, pode desagradar em vários pontos, primeiro pode ser roubado, segundo pode virar escravo, trabalho, terceiro pode virar ama ou dona de casa a dia, existe muita variedade de homens dentro da cadeia que nem sempre se pode saber o que vai dentro da alma ou que cada um gosta, muitos escolhem o bem para não serem prejudicados, mas além disso tudo há um ponto mais importante ainda, jamais, jamais se pode comprar uma amizade, mesmo sendo ela paga dentro da cadeia, o confronto é muito duro dentro da cadeia, há quem não tenha nada, o confronto dentro da cadeia é frouxo, frouxo por um lado e é forte no seu todo, daria mil milhões ou o que tivesse de dar para voltar atrás, para me safar, mas quis caminhar assim, quis caminhar da forma dura, foi a forma que eu sempre demorei a entender, o meu lado foi sempre mais psicológico.

Foi a partir de aí nunca mais encontrei o caminho do bem dentro da cadeia, não acreditava no bem, só via o mal. Por quê? Porque sentia-me revoltado comigo mesmo, porque

aos olhos dos outros não passava de uma piranha, piranha é um termo da gíria que nós utilizávamos, que significa mandrião, aquele que não se quer dedicar a nenhuma causa a não ser aquilo que está resignado a fazer, prossegue sempre o caminho aquele que dá sempre no divino, o poder vem daí, da crença da esperança e da fé, e sempre transportei dentro comigo, vi homicídios aí dentro.

Mas como eu me estava a marimbar para isso, e deixaram-me viver, nunca me tentaram prejudicar, a verdade seja dita, e foi exatamente assim que tudo isso começou, eu era muito instável, imprevisível, e a diretora da escola incentivava-me a continuar os estudos, mas isso concluí, só que nem todos a estudar, tinham apoio familiar, apoio garantido.

Esse existe sempre quando é assegurado com uma forma legal de viver e poder reivindicar o que esteja mal, por isso é que se chama apoio garantido, dentro da lei são aqueles que nos dão o mal quando somos empurrados e sermos derrotados pelo sistema, porque por não termos dinheiro somos empurrados para um sistema onde se houver dinheiro tudo corre muito bem, a justiça funciona, porque se não houver já era.

Por mais que acreditem em ti, nada podem fazer para mudar porque são funcionários, e eles apenas têm de comunicar não podem atuar, sem os requisitos que são estipulados pela justiça, havendo uma denúncia a uma abertura de inquérito, mas se eles fossem abrir um inquérito eu estava sempre safo porque sabia andar no movimento dentro da cadeia, conhecia os guardas corruptos, aqueles que transportavam droga para a cadeia, alguns safaram-se outros foram parar na cadeia.

Alguns deles desses bôfias que foram presos já os conhecia, sobressai e tive um episódio com um deles o Alfredo, era um homem da noite, o rei da noite, explorador de casa de alterne esse é o verdadeiro rei da máfia, esse merece uma vida melhor foi polícia ex-goe só que enveredou pelo caminho do crime faço muito gosto em mencioná-lo no meu livro porque aprendi algumas coisas com ele, apesar de ele ter sido bôfia e ter tido um episódio menos positivo na minha vida com ele, eles tentaram matar-me no estabelecimento prisional do Linhó, só que na altura já era um veterano, tinha cinco anos cumpridos aí. Conhecia toda agente, e todas me conheciam e esse episódio caiu mal à cadeia inteira, relacionado com os reclusos, pois eu era um incentivo para todos eles, era o exemplo que eles viam em mim, de assegura uma continuidade dentro da clausura porque tínhamos que

estar ali, e quando referi mais acima que os cabo-verdianos iriam ser a minha união, não me enganei, foram, aliás, eles quiseram desferrar aquele episódio, tentaram-me matar, fui convidado para ser o homem à cabeça, mas não me quis valer da união de ninguém apenas lhe fiz ver que se eu quisesse ele estaria morto.

Mas por ironia do destino nada disso aconteceu agrediram-no somente, não o mataram ele redimiou-se e tentou reforçar a minha amizade com ele, mas ele sabia dentro dele que jamais esqueceria esse episódio, só o perdoei pelo fato de ele ter a humildade e ter sido enganado por aquilo que falavam de mim, não por parte dos presos, mas pelo serviço de guardas prisionais, e direção, pois ele sabia que não me podia derrotar, pagaria o preço antecipado da morte, então assim foi deixei-o andar e quando percebi que ele estava humilde aprendi a respeitá-lo e a aceitar, pois ele não estaria vivo se eu não o quisesse, mas não valia, apenas era um preço elevado para se pagar,

Fui criticado pelos presos comuns que odiavam os bófiás, fui achincalhado.

- Nelson como tu aceitas esse gajo?

Aceitei-o porque ele além de tudo ele era um profissional, ganhou inimigos poderosos no meio em que viveu, sendo bôfia, tinha muitos conhecimentos, conhecia gente de topo e que conhecia gente poderosa que poderia ajudar, ameaçara-me para deixar de falar com esse indivíduo ou então deixariam de ter o nosso respeito e eles o nosso, mas eu deixei-o viver, era um era um dos nossos, os cabo-verdianos que eu mencionei eram o Nelson e Carlos, viviam exatamente na zona em que cresci eram eles o ombro amigo para me desforrar e os desabafos vieram depois, e eles queriam ver massacrado esse tal indivíduo, mas eu deixei deixei-o andar, não pretendo nada desse indivíduo, apesar de tudo nada tenho contra ele, e a história desses irmãos os Carlos, foi abatido a tiro por uma agente da PSP, ele estava referenciado, estava muito batido, jogava xadrez comigo, ele era um “expert” na matéria, só sabia jogar a dinheiro, eu sempre lhe disse, não vale a pena, jogamos por amor à camisola, mas nessa altura já estava bem, andava a ser patrocinado pelo Manuel e o Romão e pelo Badona, lidávamos como irmãos, havia entreajuda, havia tudo entre nós, no meio onde o crime espreita a qualquer segundo ao milésimo de segundo, existe muita coisa e por vezes podemos ser apanhados no meio e depois de termos feito isso, decidi prosseguir o meu caminho, fiz muitas escoltas dentro da cadeia, ou seja, assegurei o bem estar de alguns, e

para ganhar o meu, ou seja, uma mão lava a outra.

Era o lema, o lema de entreajuda, mas havia sempre o risco de nos metermos numa situação caso fôssemos chamados para isso, aconteceu um homicídio no Linhó, nunca pus isso em causa foram dias bons e de prazer porque eu até andava decidido para isso, não consegui fazer, pensei sempre em mim, nunca pensei nos outros.

Foi tudo muito rápido até à minha transferência para o vale dos judeus após oito anos cumpridos no Linhó, eles nunca me quiseram e me aceitaram bem, queriam-me prejudicar, mas respeitavam-me, esperaram sempre pelo meu descuido, coisa que nunca lhes dei. Existiu uma mulher que era funcionária no setor jurídico, ela gostava de mim e perdoei-a, mas a esta perdoei com gosto, no dia em que me montaram a armadilha foi exatamente na altura em que eu estava mais poderoso que nunca, nunca conversei muito com eles com os bófiás, era um perigo, eu andava disposto a tudo.

Independentemente do mal, do mal que pudesse-me vir a acontecer pelo fato de, ter levado uma educação baseada no futuro e com ela poder viver, é um fator forte sermos assim, e estarmos habituados e levarmos o ensinamento que a vida é assim, vivemos para morrer apenas fazemos a vontade da natureza, ela é que nos leva quando terá que

levar, mas quando fui transferido para vale de judeus, mas tudo isso ficou para trás começou um novo ciclo era este o meu modo de vida e o modo de pensar não permitir qualquer tipo de abuso, tinha o meu carácter, fervia em pouca água, e, quando cheguei a vale de judeus, decidi tomar um novo rumo, queria-me livrar dos pesadelos do passado, embora eu os tivesse, do passado, realmente não os tinha era uma forma simples de dizer, o que lá vai lá, mas não é bem assim, o que lá vai, lá vai; só se deixar ir, deixar-se embalar na fantasia de que realmente somos um ser dominador e passamos o dono de toda a galáxia, isto é, tudo disfuncional e está tudo preparado para isso, porque são entidades empregadoras e não controlam os funcionários das suas aventuras de roubar e poder dizer que está legalizado, é uma forma de enganar, um dos momentos que mais me glorifico no Linhó foi a minha conquista porque além de assegurar o meu nome na praça.

Tinha mais uma coisa, era o momento do tudo, ou nada sem escape de vencer, ou morrer, era o lema que tinha dentro de mim, a força de viver e poder gozar o que não tive enquanto estive enclausurado, nunca usei violência gratuita para os meus companheiros cheguei quase a chorar lágrimas, da maldade que eu via de ser exercida pelo outros companheiros que eram dominados pela violência e eram

se calhar obrigados a fazer tudo aquilo que os traficantes queriam, mas eu não enveredei por um caminho mais duro, embora me tivesse agarrado à heroína, jurei a mim mesmo que para viver dentro da cadeia estar disposto a matar e a viver de uma forma digna para que não me pudessem chatear ao fim, ao cabo são tudo adversidades do momento são aquelas com que tudo temos para lidar, embora não fosse o meu desejo, criar inimigos onde não existem e andar mal comigo mesmo, houve quem me tentasse prejudicar, a direção não gostava de mim, então foi aí que fizeram, mandaram os informadores deles estarem presentes em todos os momentos em que estivesse aberto, para se puderem informar melhor, de tudo aquilo que eu pudesse vir a fazer, eles tinham a consciência pesada, mas uma coisa despertou-me a atenção e fez-me mudar, basieie-me muito nas professoras que tive, senti amor platônico por algumas, e foi nessa altura que estava a correr bem, mas o barco depois virou, agarraram em mim e puseram-me em vale de judeus, foi difícil após de oito anos de reclusão no Linhó, deixei uma história vasta a nível prisional, porque os conhecia a todos e eles conheciam-me e foi por isso que nunca me quiseram castigar a cem por cento, fui muitas vezes punido com castigos disciplinares, uns por agressão e outros por agressão verbal aos guardas e foi assim que eu me apercebi que realmente estava a lidar com uma máfia mais

poderosa do que eu, mas que na realidade não eram mais do que eu, apenas tinham os livros e o diploma, que faziam um ser diferente de mim, porque depois já eram, jogava muito a vez à bola, para minha diversão, aliás jogava tudo o que havia para jogar, joguei o trunfo mais alto que alguma vez se pode jogar, Ás de espadas, houve quem me dissesse que podia perceber que teria azar com essa carta, e diziam-me que poderia ter azar com essa carta, os tempos mudam e foi aí que comecei a perceber que a vida não é dentro da cadeia, mas fora, mas nunca quis interiorizar, mas sabia que esse era o meu ponto forte; começou uma história dramática ia acabando em homicídio, eram três irmãos e eles todos consumiam heroína e a heroína para eles era a necessidade do momento, ou seja, eram dependentes daquilo, eram toxicodependentes.

Mas no fundo, eram pessoas humildes, tinham bom coração, porque eles necessitavam de serem ajudados porque eles na vida que levavam e eu também levei, era uma vida dura, podemos até dizer que era uma escravidão, pelo modo como a vida era feita, todos os dias tínhamos que fumar senão íamos rressacar.

Mas tudo isso é o resultado de um modo de vida, aquele que move a causa pois até cheguei a fazer poesias em relação à

vivência e ao contexto da situação, todos eles me pediam um poema, fosse para escrever à namorada, fosse como fosse eles pediam sempre um poema, mas eu perdi-me e foi na altura do consumo que adotei este modo de vida, eu sei aquilo que sei e não estou disposto a ensinar ninguém porque tinha experiência para isso do passado, tornou-me num herói de alguém que teve no lixo e conseguiu-se levantar.

Tudo foi resumido a isso, pela forma de experiência, pela forma de viver, pela forma que tínhamos de obter a droga para fumar, pois se tivesse oferecida e dada não iria comprar, tornei-me a bem dizer um chulo dos traficantes, para venderem, tinham que me assegurar a minha ressaca diária, com pó para eu fumar, foi então que tornei-me um chulo dos traficantes, fui apelidado por isso, todos eles me quiseram ajudar, davam-me droga para vender e eu consumia, tive o maior lazer que algum toxicod dependente possa ter, estar viciado e droga para fumar.

Mas eu era conhecido pelo meu desportivismo, pela minha pratica nos treinos, pois treinava todos os dias e isso baralhava as pessoas que me viam e me olhavam eles tinha sempre uma paranóia, a paranóia que já referi neste livro a desconfiança e que é duvidosa, quando praticamos o mal estamos sempre aflitos, será que o mal me irá acontecer.

É sempre a previsão do inesperado, sinceramente habituei-me a esse modo de vida e foi-me difícil a integração após a prisão no meio social, porque é um meio que a gente sabe, é um espaço muito pequeno onde a convivência diária leva a conhecermo-nos todos uns aos outros, mas fisicamente.

Queremos todos comandar porque achamos no direito querer conquistar um espaço em que nos dê segurança de nós próprios, para estarmos inseridos num meio em que lidamos sempre com o receio, mas não é um receio, é simplesmente assegurarmo-nos, podemos ultrapassar a situação sabendo estar, sabendo conversar, sabendo estar no negócios mais escuros que se pensa pensar, no mundo das drogas, é muito vasto, é de uma imensidão e de uma vastidão imensa tudo o que se possa pensar quando se fala em criminalidade pelo que tudo o que se possa prever de negócios em que não servem para lucrar, de uma forma dita correta ou que gente aceitável pela sociedade e aos olhos da lei, aí começa a disputa todos queremos ganhar nem que para isso tenha que inventar, neste caso roubar, traficar, enfim cobranças difíceis, coisas duras de se fazer, passa também por uma exploração quando há uma dependência crônica em que os próprios sabem que não têm saída acobardaram-se bastante ao fator dependência, são comandados, são subjugados, a extorquir o dinheiro à família que sentem a dor de ver um

filho viciado na heroína e parte do princípio que tudo o que se possa perder de dignidade humana, ou seja, perder todos os valores da educação que levamos ser alguém da vida, vivermos da forma que fomos ensinados a viver porque são esses os valores que somos habituados a cumprir pela ordem social e pelos valores éticos, que os nossos pais nos deixaram e que nós iremos proclamar sejam quantos filhos nós iremos gerar, será essa a educação que iremos ensinar é sempre o prolongamento da vida.

Começa agora a desenrolar o ciclo que a vida nos proporciona, está escrito na bíblia, nascemos para procriar, mas também conseguimos ler na bíblia que Caim matou Abel, o irmão, mas foi abençoado e perdoado, foi induzido ao erro. Por vezes acontece na vida, sermos induzidos para o erro, o fatal, aquele que está escrito propriamente, porque foi escrito pela vivência e pela forma das leis que viveu e cresceu.

Por quê?

A força da razão vence sempre, e todos os julgamentos que se possam fazer da vida podem, por vezes, não serem os mais corretos tudo pesa por um fator: a difamação, o não ser engraçado e não cair em graça, ser aquele que todos

querem desprezar, para humilhar; sentem-se bem assim e quando existe a falta de poder econômico estamos sempre limitados a jogar, porque também parte-se que isto é um jogo, ou seja, há quem diga que tem de se saber jogar são ditados populares para que a sorte nos possa bater de nos calhar uma coisa boa, e que a sorte nos possa dar aquilo que a gente procura, o bem-estar, o estar bem consigo mesmo, poder ajudar porque fomos ensinados para isso também, partilhamos uma vida em comum com os nossos pais, com os nossos irmãos, irmãs, avós e avôs, pois lá está, é esta a nossa geração, porque somos a sequência do prolongamento deles nos verem seres gerados da sua descendência, ou seja, sabem que temos a capacidade de nos conhecermos, sabermos que são os nossos e são os nossos que sempre estão do nosso lado, mas nunca gostam de olhar, de ter um membro em uma família que não lhes possa agradar, têm uma imagem a preservar a vida foi feita assim da progressão, da união, do bem-estar, ninguém gosta de ter, nem de ver alguém que é da nossa família ou que alguém próximo de nós porque ao fim, ao cabo somos todos humanos, temos de lidar uns com os outros e o ambiente familiar, por vezes, quer nos acolher demais, sentem-se donos daquilo que geraram e fazem disso um modo de vida que está escrito em todas as leituras teológicas que se possam ler, ou seja estudo de religiões.

Todos nós levamos com lições de moral, é próprio, que quem sente uma proximidade tão fiel, que tudo fazem em redor de verem o nosso bem, os nossos entes queridos vê-los bem, der no que der, e nunca querer-lhes mal, perante a imagem que preservam e aquela que lhes foi ensinada, os valores que eles se regeram não lhes permite olhar bem, para uma situação que talvez pudesse ser resolvida não fosse, por vezes, mal-entendida. Isto é, tudo muito bonito e a comunicação social também o transmite assim, igual à fachada vamos mostrar uma imagem bonita, também são pressionados por um poder que todos nós aceitamos a governação, tema muito duro, mas que tem a ver com tudo isto que vai ser relatado, existe, existimos, continuaremos a existir, a educação também é dada a estes que se dizem donos da razão e, por vezes, fazem transmitir e querem a desunião, todos eles têm em comum uma coisa manter: um bem-estar, um bem-estar que lhes possa proporcionar um domínio de tudo o que possam ambicionar e quererem o bem-estar para a sociedade, mas todos eles viveram e foram criados com um pai e de uma mãe, foi-lhes dado as condições apropriadas para poderem progredir numa carreira que ambiciona-se, mas também falham, mas esquecem sempre e regem-se pela imagem; eu mantive este discurso porque a minha vastidão é enorme nesta vida, aprendi muito, desenvolvi o que tinha a desenvolver

embora estivesse estado enclausurado nunca pensei do fim, ambicionei sempre de ter o contato direto com os funcionários dos estabelecimentos onde me encontrava, a minha carreira prisional posso apelidá-la disto, será melhor interpretada no termos da palavra assim, mas terá de ser, de ser interpretada da forma mais honesta e sincera que há na vida. Está relacionado existem relações bilaterais, são relações que se regem todas as nações, são assuntos de interesse comunitário para salvaguardar os bens, para que se possam dar um bem-estar que assim foi instituído no mundo, a liberdade o tema mais duro de falar, poderemos dar toda a nossa liberdade, coisa mais bonita do mundo, é o maior prazer que se possa ter na vida, é estar em liberdade, temos é que saber ultrapassar todos os obstáculos que a gente tem pela vida afora e os possa encontrar. Existe uma variedade enorme deles, poderei começar pelo principal: o bem social, todos nós temos uma coisa em comum, gostamos de nós próprios, podemos ser feios, bonitos, não interessa, habituamo-nos à convivência, a aparência não é tudo; por vezes, por detrás de uma boa aparência posso encontrar um lado menos bom, mas era o lado de Apolo, o lado da beleza, descrito por Nietzsche que acompanhei a autobiografia dele, não há razão de maior, o lado da beleza é aquele que nos faz sonhar, que nos faz adorar, traz tudo de bom, mas lá está, o bem caminha lado a lado com o mal, tal como Nietzsche

descreveu existiu o lado dionisiaco, ou seja, o bem e o mal encarnado no instinto do ser humano, quando falamos de todos os seres que existem ao cimo da Terra sejam eles quem forem, sejam políticos, sejam juizes, sejam presidentes de câmara, sejam presidentes de associações todos podem ser, apresentadores até de televisão serem o carisma e terem uma gratidão, mas também ninguém pode ser perdoado, dita propriamente da palavra, perdão todos temos uma razão e quando nos são postas as questões devemos assumir tudo o que fazemos em prol das ditas leis que regem uma sociedade e que se possa fazer jus à palavra lei. Foi aí que conseguiram o direito de não serem castigados e serem definidos pela lei porque tudo isto se enquadra, o abuso existe, existiu e existirá é o prólogo.

E o prólogo advém da transcendência, uma aprendizagem do além, vivemos todos porque sabemos que a transcendência é mais que o além, é poder ser, é poder estar, é poder ensinar, é ter tudo, mas há uma palavra-chave que designa tudo isto: filosofia, modo de vida, prazer de viver é isto que compõe um dos fatores da transcendência, continuamos a ser e continuamos a viver da forma igual, na evolução do ser o ter sido gerado, o ser abandonado não faz de ninguém mal abençoado o bem que nós possamos praticar é o divino, aquele que aprendemos, é o nosso destino aprendemos

tudo é-nos deixado uma herança valores grandiosos, assim eles se enaltecem nas palavras em que escrevem, mas isso é tudo glorificação de manter o poder e estar na exaltação, pois tudo isto podia ser bonito, se realmente fosse tudo cumprido e está escrito era muito bom.

Por quê?

Estariamos a entrar no caminho mais vasto da podridão humana, somos os escravos da democracia legalizada, o aproveitamento da situação de estar enclausurado e estar subjugado a regras mais rígidas; por vezes, não reagem da mesma forma que o normal de uma forma apaziguadora, é chamada a transcendência do ser, a transformação para o lado mais cruel do ser, foi isso que senti, aprendi por experiência própria que a raiva é um sustento de viver, para viver e sobreviver é vista e assim tá provada pelos valores da ciência que é dominada como uma forma segura de se viver quando assim tem de ser, não podemos fugir à questão, as nossas características que nos compõem são diversas, mas todas advêm do mesmo, a mistificação, não existem seres mais perfeitos que ninguém, todos sabem viver, para isso precisam dos apoios garantidos e creíveis para todo o ser, trabalhamos em cooperação, descontamos para que outros possam ter uma vida melhor, o desemprego, uma causa

justa, esta é uma experiência que todos vocês vão partilhar comigo, chamei esta história da continuação do ser, será o prolongamento desta edição.

Tudo começou após a separação dos meus pais, fui internado num colégio de freiras de São Miguel era o nome do colégio, passava férias com o meu pai era próximo de ali, mas após a separação não encarei uma boa relação com o meu pai, e foi a partir daí que tudo começou, a minha mãe tinha ido morar para a pontinha após a separação, tinha eu cerca de 10 anos, quando cheguei e fui conhecer a Pontinha, fugi do colégio, não aceitava aquele modo de vida, mas apanharam-me, era um inocente, sabia que a força da lei existia, o meu pai era militar atrevia-me pelo caminho pelas histórias que o meu pai contava, de ser um homem de estar integrado no serviço militar, servia a nação, um homem duro como já referi, mas deixava-se levar pela sua paixão de amar outra mulher, um homem bom fisicamente poderoso, intelectualmente também, usufruí disso de ter herdado os seus genes, tinha-o como herói, isto foi tudo a aprendizagem que mais tarde se veio a transformar.

Por quê?

O domínio sabia eu que podia fazer, desde o momento da separação, como fiquei com a minha mãe tornei-me independente, arranjou um amante a minha mãe, um homem trabalhador, trabalhava nos correios e trabalha, é um homem de valor, começou também por aí, necessitava ajudar a minha mãe e tornei-me o dominador da causa foi tudo bem tratado, arrependi-me, chorei, mas venci, penso que seja este o tema mais apropriado, amava-as como ninguém, felizmente elas estão bem, têm uma vida própria, era normal haver discussões, mas elas sempre tiveram razão, eu é que estava adormecido pela transcendência de querer mais, queria ter sem nada fazer, pensado isso que era fácil.

Comecei a trabalhar para ajudar a minha mãe, mas cedo percebi que eu não estava para deixar dominar, comecei a trabalhar como casqueiro ou seja, ajudante de estofador, que é o que faz a estrutura para ser moldado e estofado, trabalhava, era mesmo no meu bairro na pontinha, trabalhava lá junto do Toninho rapaz da minha geração, tinha vários irmãos, mas eu era o preferido.

Trabalhava lá um indivíduo que era o casqueiro o homem da estrutura para poder estofar o sofá, era robusto de aparência, e eu já não o queria mais de aturar, formas agressivas de

falar, já tinha vivido isso com o meu pai, então, optei por inverter a situação, sentia-me com capacidade para a progressão de viver, não me pesou, mas podia-me ter desgraçado naquele dia, por uma questão de não o querer magoar nem ferir, mas de me salvar e guardar a mim mesmo joguei uma pedra do tamanho de uma mão, mas eu atirei desviado, quis dar o aviso.

Ainda me aceitaram lá, continuei a trabalhar depois saí por opção, mas também o dono faleceu consumido pela doença HIV, foi uma situação que não gostei, vi-o sofrer na doença, mas sempre o respeitei, perdi o emprego, comecei no ativo, ou seja, na gíria é utilizado como estar orientando, e não aturar patrões, queremos a independência, sentia-me filho de um leão, e agia como tal.

Em Março de 1996 fui encontrado, no metrô da avenida, já havia tido uma série de assaltos no metrô, havia denúncias dos crimes que se estavam a passar ali e calhou a ocasião passou um PSP que nos veio pedir identificação, e foi aí, já havia um antecedente, uma semana antes tinha estado na superesquadra de Benfica acusado de ter roubado um leitor, mas o rapaz que me acompanhava, o Ricardo, era cauteloso, inexperiente, ele tinha vindo de Ovar não conhecia a cidade, mas sabia-se orientar, era toxicodependente, e na altura

como eu consumia cocaína, achei por bem ter uma muleta de segurança, ou seja, salvaguarda-me bem para o futuro, ou seja ter uma força, uma união para a progressão.

Mas agora entra aqui a estrutura, um dos fatores principais da capacidade de lealdade de cada um, começa a divagação, foi assim que descobri aquilo que eu já sabia que não se pode confiar se não se conhecer, mas a minha experiência era vasta, era enorme, estava seguro de mim mesmo, era bom naquilo que fazia, já havia feito vários assaltos à mão armada, optei por um caminho de não prejudicar ninguém, apenas obter o dinheiro.

Para quê?

Para viver, ingressei neste modo de vida e em Março de 1996, mais propriamente dia 28 fui avisado de um mandato de captura supostamente denunciado, falta só acrescentar a introdução deste tema, uma semana antes tinha sido preso na superesquadra de Benfica, encontrava-me a dormir dentro de um carro, o dono daquilo era um tenente-coronel da força aérea, um homem que já tinha passado pelo ultramar, eu tinha por habituação dormitar por ali, mas ainda tinha a casa na Pontinha, realmente nessa noite estava com o Ricardo, e roubamos um leitor e adormecemos dentro do carro, fomos

surpreendidos e acordados por agentes da PSP, pertenciam à superesquadra de Benfica, mas eu não me amedrontei e disse ao Ricardo para não amedrontar-se teria que ser forte e dizer um não até o fim, não havia prova em contrário, mas ele avisou-me que a bófia poderia aparecer, mas tranquilizei-o, disse-lhe está tudo bem, bebi muito whisky e tinha vontade de dormir e não me estava a apetecer ir para casa e morava perto dali. Aconteceu isto, foi a pior dúvida que um homem pode sentir quando ensina e treina a situação do momento que se possa acontecer, nesse dia safei-me. Ele conseguiu obedecer à minha regra de não ter nada para dizer, mas eles não se convenceram e foram buscar todos o arrumadores de carros das redondezas para saber se sabiam de algum assalto, de um leitor de CD azul, mas já tínhamos cometido vários crimes antes e estavam todos inseridos no roubo e sequestro, fomos a inquérito no metrô da avenida, a esquadra situava no marquês de pombal, esquadra metropolitana de Lisboa, fomos inquiridos, eu nada disse, não sei a conversação do Ricardo, mas como já tinha antecedentes de tendo passado por uma semana anterior em uma situação idêntica, confiei.

Nesse dia, saímos da esquadra, nada tinha para dizer, confiei no depoimento dele para que me pudesse safar, estava a tirar na altura a carta de condução, trabalhava, mas já me encontrava a receber o fundo de desemprego, continuei a

tirar a carta, fui fazer o código, passei, já estava na condução, senti-me bem, diverti-me imenso e foi na altura que fui servido, levei com um mandato de captura da judiciária, foram-me buscar a casa, tinha vindo do ginásio, treinava a mais de um mês, quando entrei na judiciária, percebi, quando fui inquirido na esquadra do marquês quando fui inquirido na esquadra do marquês de pombal eu nada disse, mas o Ricardo tudo falou, prossegui o depoimento, na fase de instrução foi a inquérito da judiciária, nada lhes tinha para dizer, nada havia sido comprovado pelo fator flagrante. Por isso não podia aceitar tal decisão, seria como me entregar, talvez até fosse melhor ter tido uma atitude diferente, de falar a verdade, ser cooperador, arrepender-me, mas julguei-me pela minha sabedoria, quis jogar também com a justiça, o juiz que me condenou era um homem que tinha dissabores na vida, uma das filhas morreu por overdose e outros filhos restante também andavam agarrados à droga, eu fui avisado pela advogada, ou falava a verdade ou então iria ser duro de roer, mas confiei em mim.

Ela não me defendeu como devia ter defendido, não soube ser operacional em legitimidade dos deveres que tem de cumprir, como representante da lei, na altura não tinha advogado pessoal nem nunca me foi dado, tive de contratar. Após a prisão, depois de ter sido condenado, após ter sido

condenado, contratei essa advogada, foi tudo de energia que eu quis acumular, sabia que estava na encruzilhada havia testemunho não o quis assumir, paguei um preço caro, pela falta de colaboração e resumiu-se em tudo à minha grande condenação até pensei mesmo em matar-me.

Foi um dia triste para mim jurei a mim mesmo que iria sobreviver a todas as situações adversas que me pudessem aparecer, foi o princípio do meu fim por tudo, perdi a liberdade já a algum tempo, levei uma cadeia pesada e consegui sobreviver.

Foi altura de vencer que aprendi a arte de poder angariar defesa própria através de mim, todos me respeitavam inclusive o poder administrativo que é o que exerce as funções do estabelecimento prisional, pois é com esse quando queremos ganhar alguma coisa temos de lidar, são os donos do pedaço, ou seja, são donos do território que dominam, julgam-se eles assim, são comandados para fazer o que tem de ser feito, prosseguir o caminho na lealdade, independentemente, da maneira que possa parecer, possa ser e que todos possam ter, mas há uma subjugação que é a desqualificação, quando exercem este cargo julgam-se que podem ser os donos da situação, não resignam ao ser mais simples e que tem que viver, é o prognóstico daquilo que

eles estudaram e dos desastres que cometeram, não foram um, nem dois, nem quatro, foram diversos, variadíssimos apelidei-os a crucificação dos mais desgraçados, mas eu levantei a minha moral porque sempre esteve em alta, começou tudo na minha entrada quando cheguei ao I.P. ao Linhó foi uma entrada dura, duríssima, eu ia cheio de raiva e vontade de vencer, pensava até em fugir se tivesse oportunidade para isso, consegui-me manter, tudo porque consegui o respeito dos veteranos que se encontravam do I.P. e foram eles os verdadeiros pilares para eu aprender a vida em clausura, guerreei, batalhei, consegui, se não fosse assim estaria no esquecimento, todos me recordam, todos gostam de me recordar, eu era a imagem característica, tornei-me um líder sombrio e frio que não sabia amar e foi assim que conquistei a glória dentro da cadeia, foram atos frios de quem tinha que saber viver e permanecer ao cimo da Terra para vencer. Depressa demonstrei aos educadores, aos assistentes, aos guardas e ao direto que me ajudassem a vencer a batalha difícil, não senti apoio apenas olhei para a circunstância do momento e a assistência era bárbara, aconteceu o que não podia ter acontecido, virei o demônio em mim mesmo, mas não procurava o sarilho apenas queria viver e sobreviver, era o momento da circunstância.

Isabel era o nome da diretora da escola em qual eu mantinha o respeito saudável e agradável acompanhou-me sempre, ajudou-me sempre, mas mais tarde veio a tornar-se uma fúria em mim, mas sempre a respeitei. E isto tudo deveu-se à forte pressão que estava a ser exercida pelo sistema administrativo cujo nome do director era João G. o homem que tinha vindo de ultramar, safou-se quando o tentaram matar, é a história dele conhecido, teve vários anos no comando na administração do Linhó, até depois da minha transferência, conheci-o bem até era um homem que se podia conversar, era comunicador interessou-se pelo assunto, interpretou-me mal talvez por culpa dos adjuntos, eu era bem-visto no ciclo profissional, a nível de companheirismo todos me respeitavam e esse diretor pretendia o auge da carreira, ou seja, estou aqui para dominar, estou aqui para ganhar custe o que custar, ficarei bem visto era esse o objectivo dele, entre outras coisas podia dizer mais. Umas das causas que ele mais defendia era o tráfico de droga, ele gostava de ajudar os toxicodependentes, mas exigia uma moeda em troca, jogava com a lei, tinha um poder influenciável para a apreciação de aplicação de saídas de precária e condicionais e saídas de regime aberto, não era mau tipo, só quem sai aos seus não degenera e eu optei pelo caminho mais difícil o caminho que ninguém gosta de seguir, mas eu optei por seguir, seguir o caminho que me

estava predestinado, quando se fala no destino por vezes acertamos, não andaremos muito longe da realidade, tinha muitos sonhos quando era miúdo e eram sonhos tornados num pesadelo, uma passagem no deserto já tinha previsto, já tinha visto o meu futuro, mas foi-me tudo retratado em sonho, cheguei a ter acompanhamento pelas bruxas que eram apelidadas de tal, passaram-me os sonhos porque tiveram de passar, o poder da mulher era grande, ajudou-me, mas a curiosidade desperta na sequência da minha detenção, eu tinha grande disputa com o meu irmão e queria ser melhor do que ele, uma disputa saudável ele queria ser e é igual a mim. Nessa altura, costumávamos ir caçar contra cobras de água para fazer pontaria, íamos jogar snooker, por vezes, enfrentávamos adversários difíceis, mas ganhávamos sempre, eu sabia que ele era bom; hoje é tenente do exército. O meu pai geriu os apoios mais diretos que me podia dar, entregou-os, ajudou-o na formação, tudo isto porque por haver uma separação. Estamos no meio da minha entrada do Linhó, foi bravo, logo na entrada os guardas quiseram-me conhecer a fundo, foi uma entrada normal se falar-mos do ambiente que se vivia ali, era um ambiente de procura, tanto guardas como presos queriam ganhar, existia lá um bom diretor, o Manuel, mas era corrupto, mas não prejudicava ninguém limitava-se a ganhar e a fazer o trabalho dele e também ajudava, durante três anos estive debaixo de alçada

desse diretor desde 1996 a 1999, ele foi retirado do cargo de diretor, mas passou a presidente de junta de freguesia, mas nunca mais se podia livrar do que o tinha levado a sair do Linhó, era um bom homem, queria o bem-estar de todos e ao mesmo tempo não prejudicava ninguém havia necessidade de fazer obras, na ala B considerada a ala assassina, estava apelidada de ala assassina, por tudo, pela infra-estrutura em cima e ao receber uma visita no parlatório caía água era o resultado da falta de envergadura da infra-estrutura, tínhamos de estar de guarda-chuva aberto, pois vivia-se num meio corrupto ao ponto de o director aceitar uma proposta alicerçada por dinheiro que podia explorar da direção geral dos serviços prisionais, safou-se bem, a proposta foi baseada no arranjo do campo de treinos, ou seja, do campo de futebol, era terra batida lamacenta, bué de pesada era a alcunha dele também lhe podia chamar esguiça, mas era bom também sabia andar, sabia como manipular o sistema, se havia corrupção instaurada há que aproveitar o momento, saía ao meio da pena de uma condenação de 16 anos, cumpri oito pela confiança do segredo, mas isto não iria terminar da melhor maneira pois havia quem fosse prejudicado pois assim teria de ser, faz parte do sistema, o sistema está instaurado desta forma há que haver uma justificação, e com isto passou-se mais um ano, era o terceiro ano que me encontrava no Linhó veio o verdadeiro dilema

da corrupção a venda de droga autorizada pela chefia de direção, manobravam tudo usando o recluso, da confiança deles, era poderoso um traficante que tinha se ajeitado na vida com a venda de droga o nome dele Luís Torres, chegou a fazer um filho dentro da cadeia, houve uma proposta da empresa SKIP ao fazerem e preencher os sacos pagavam xis, eu cheguei a ser convidado para trabalhar aí, não aceitava o fato que homens que estavam para exercer essa função o autorizassem o pagamento em droga e eles ficavam com o dinheiro que era logo transferido via informática, foi aí que se deu o verdadeiro problema de Manuel T. diretor até então; não havia muito a fazer, houve um inquérito da judiciária, houve transferências propositadas ou seja, vamos limpar a nossa imagem, mas não conseguiram limpar toda, foram à barra do tribunal, o inquérito da judiciária houve arguidos, e uma grande vastidão de testemunhos, mas eu não testemunhei, nem sequer fui chamado para tal, também não iria dizer muita coisa, iria apenas salvaguardar o meu bem, senti que valia mais manear à causa, podia ganhar alguma coisa com aquilo se me mantivesse em silêncio, mal eu sabia que eu iria pagar o preço duro de roer.

O guarda Pardal ficou fora dos serviços prisionais, o chefe Amorim teve de ter a reforma antecipada, Manuel T. ainda conseguiu chegar à presidência de uma freguesia.

Houve mudança de direcção, João G. foi o próximo nome que se seguiu na administração do E.P. trazia uma ambição, grande demais até para o contexto, como começaram as obras na ala B para remodelação das condições, metade da ala estava fechada para obras, encontrava-me na cela com o Carlos era filho da mãe de uma professora universitária, era secretário da diretora da escola, mas era toxicodependente, de vez em quando, roubava a mala da professora para poder ter dinheiro para consumir, era um toxicodependente crônico eu sentia compaixão do ser dele, pelo fato de o ver sempre a perder, não conseguia evoluir estava resignado ao consumo, mas era inteligente, era uma pessoa astuta só que no mercado do tráfico os negros é que mandavam, teve problemas com eles chegou a pedir protecção estando eu com ele na cela, mas é engraçado nunca ninguém me falou ou exigiu dinheiro, dívidas que ele tivesse para pagar, inclusive defendi-o, mas foi atraído deixou-me uma dívida de consumo de heroína ao homem que já o tipo espancado por dívidas, eu aceitei e fiquei a dever, não temi pois a heroína tornou-me num ser selvagem, domínio total, foi a partir daí que tive de levar uma vida dura de roer, foi o auge da minha fúria de ver alguém sofrer pois todos eles me deram a razão, tive várias lutas corpo a corpo, não me conseguiam ganhar, ganhei a causa, todos eles precisaram depois do meu apoio para funcionarem e venderem e estarem bem com

eles próprios, tinha a heroína grátis, satisfazia-me porque tinha valores espectaculares, era companheiro, era amigo e defendia a causa, mas tinha uma coisa muito brava que ninguém me contrariasse mesmo estando no consumo de heroína. Todos eles aprenderam a respeitar-me eram caras da vida do crime, todos se conheciam no meio onde estávamos inseridos, eram respeitados, eles próprios me detestaram, ofereciam-me a heroína para ir estudar, era a única forma que eles achavam que eu tinha de ter uma ocupação saudável e aprender, foi a continuação do ciclo do consumo estava a sentir-me bem, estava habituado e tirava-me a vontade de me alimentar e ter sexo, era a forma ideal passar o tempo em clausura sem ter que me chatear com o problema de ter sexo e de me alimentar.

Fui transferido para vale de judeus em 1998, fui tirar um curso de carpinteiro, não o cheguei a concluir após dez meses regressei ao Linhó.

Entrei diretamente para o castigo era o chamado regime III o regime duro, em que esperamos um inquérito que possa vir a dar em sanções ou consequências disciplinares, paguei, paguei o preço de reivindicar um direito que eu tinha que era o de ter televisão, rádio, mas a mim tiraram-me tudo isso, e todos se conheciam do nome que chamava à minha

televisão, Susana tinha-me sido oferecida pela minha mãe, foi espectacular pois tinha a televisão sempre da minha cela. Às vezes inventei, pegava nela empenhava-a, alugava-a para poder consumir nos dias em que me sentia mais fraco, mas tinha um amor infinito a ela, estaria disposto a matar, se alguém me estragasse, fiz isso poucas vezes não me sentia bem.

Entre em 111 fui ouvido pelo chefe da cadeia, o chefe Amorim descendente de Moçambique, mas português, um homem alto, mas magro, não era mau tipo queria apenas ter o território dominado, queria aquilo sossegado, foi assim que ele me disse deixa de falar dessa maneira ou a gente chateava-se, eu disse que sim poderia se chatear estava disposto a isso, foi na altura que saí dentro escritório do chefe, ou seja, da sua secretária, já fazia serviço há muitos anos, o guarda Baptista, bebia muito, mas honesto, não pretendia o mal de ninguém era como o chefe, queria ter um bem-estar, fui surpreendido por esse guarda, tentou me agredir não conseguiu, havia mais alguns guardas que estavam lá no local, no PBX e viram a confusão, rodearam-me tentaram-me agredir novamente, não conseguiram, prolongou-se mais uns minutos, mas a insistência deles foi a minha resistência, foi então que surgiu um guarda já na casa dos seus 50 anos, o guarda Ferro, falou comigo,

disse-me para parar e que ninguém me ia agredir, mas eu já tinha agredido o guarda Batista e o chefe da cadeia, o chefe Amorim, não lhes causei grande mocha, sabia que ia perder, então ele disse-me, vais algemado para o pavilhão de segurança, fui algemado pela presença do chefe, ele é que ordenou, ordenou o guarda Ferro e dirigi-me ao pavilhão de segurança, o chefe mandou-me tirar as algemas e mandou-me entrar dentro da cela, pois ficaria em regime de segurança até o inquérito estar concluído.

Sinceramente, ganhei respeito ao homem, foi homem foi chefe, deu o exemplo, como as instituições que representam as forças de repressão, devem ser bem comandadas aos de todos, para que todos se sintam bem. Para mim foi o chefe mais humano que conheci, cumpri castigo como seria lógico, teria que pagar pelo ato em si, mas também ganhei o respeito deles, deixaram-se de intrometer na vida direta, a de ter que sobreviver, mesmo dentro da cadeia se vive, chamei-lhe o local inóspito, o ser idêntico pela frase em si, para um local onde não existe nada, estamos vivos só por viver, mas temos de acreditar, já tinha ouvido o homicídio, sucederam-se várias mareações, isto é palavra do calão para utilizar na vida do crime, ou seja quer dizer propriamente homicídio, portanto eu já havia cometido algumas situações que poderiam cair mal no meio prisional, acompanhado

com o Hugo Rasta, Rasta é alcunha, entrou com 16 anos dentro da cadeia, morava no bairro dos Húngaros, conheci-o numa altura em que cumpria um castigo no pavilhão de segurança, vi um jovem já tinha alguns anos do Linhó, e travei um contato com ele

Dá-me um cigarro, mas deixei-o de o ver pois estávamos muitas horas fechados, foi um conhecimento de circunstância, foi um momento, pois bem tinha-o visto ali, ele estava ali, na ala B, a ala considerada assassina, ele estava na ala A, uma ala calma, albergava os reclusos que trabalhavam e queriam estar calmos na cadeia, mas havia consumidores, havia traficantes e havia um que ainda hoje está preso que o nome é Delfim, eu já explico a história dele, ele procurou-me, depressa vi naquela primeira vez que me encontrei com ele, era astuto, chavalito bom, mas ele tinha levado uma infância selvagem também, pelo caminho que os pais fizeram, remonta a Cabo-Verde, procuram-me uma vida melhor, pelos laços históricos que existem no conhecimento e visto como tal tinham a dureza de terem vivido, não levavam uma vida que fosse muito fácil, tiveram de morar no bairro dos Húngaros, um bairro com pessoas maioritariamente oriundas de Cabo-Verde, a construção das casas não eram muito boas, mas ofereciam as condições mínimas de não dormir na rua, ter um teto, por mais miséria

que seja tinham educação, as casas eram mantidas limpas e tinham uma arrumação própria de quem teve uma verdadeira educação, mas lá está, havia a desigualdade social, tinham de trabalhar muito e estas pessoas são gente boa, gostavam de mimar os filhos, mas não tinham tempo para eles, tinham de trabalhar para ter uma vida honesta, de bem-estar, é próprio e por vezes o afastamento pode provocar um choque, as crianças começam a crescer, passam muito tempo longe dos pais, a procuração legítima de quando se quer ser grande, ter uma independência, ter uma auto-suficiência, de procurar aquilo que era bom, mas caiu na droga, era um contato igual àquele que eu tive quando cumpria castigo, mas que depois deixei andar, como perdi o contato visual e como não havia, tido tempo de haver um contato mais direto, não me lembrei dele, mas ele procurou-me estava na ala B e fazia muito desporto e ele passa por mim e disse se queria jogar as cartas, o jogo da bisca, tipicamente, cabo-verdiano, e ganhei amizade ali a ele, mas veio a prolongar-se por muito mais tempo, dura até hoje, mas ele nessa altura também já consumia heroína, e foi aí que me lembrei que já o tinha visto no intendente, faziam-se ali negócios escuros, o mercado negro em que tudo está tudo bem, desde que ninguém prejudique a ninguém, foi numa altura brava que percebi logo à primeira vista que o rapaz era astuto, tinha alma, a sua aparência apresentava um rasta

grande, selvagem, mas bem tratado, foi essa a imagem do primeiro momento quando o vi, e percebi que era um rapaz que aos olhos da sociedade, era visto como tal, o fora da lei, o homem que vive à margem da sociedade, mas todos nós gostamos que ter um bem-estar assegurado para nos podermos assegurar, para nos podemos precaver do nosso bem-estar, da igualdade humana onde é digna de se dizer que todos nós vivemos com tudo isto que criamos, mas sabemos também que o bem caminha lado a lado com o mal, as ações que daí possam advir trazem o caminho mais difícil de viver, ele tinha vindo transferido da ala A para a ala B, ficou na cela ao lado da minha, ele estava com o Tiquinho na cela, outro cabo-verdiano, bravo também já estava na cela a algum tempo, depois de o conhecer, sabia que ele estava na cela já a bastante tempo, viriam a ter histórias diferentes, mais tarde, relatarei a história do Tiquinho, nessa mesma manhã após a noite da transferência o Tiquinho voltou à ala A, tinha feito um acordo com a direção, colaborar metendo o outro à cabeça do touro, é outra expressão também utilizada no calão que quer dizer deixar o outro pendurado, para ele se salvar, não ficou mal visto foi dentro do meio e dávamo-nos bem, mas o Hugo ficou na ala B, nessa noite falamos pela janela pudemo-nos contatar dessa forma, estávamos muito perto, e ouvi bastante barulho na cela, chamou-me a atenção, dentro da cadeia temos que ter a percepção do

perigo é essa que nos faz viver e que nos ajuda a vencer, traz-nos a alma do querer do ser, a alma que todos nós gostamos de encarnar, uma alma forte cheia de coragem e destreza e astúcia.

Nessa noite que antecedeu a manhã seguinte, falamos pela janela, como ouvi barulho perguntei:

- Quem está aí?

Tinha ouvido barulho que se passou, ele disse-me:

- Sou o Hugo, estou aqui mais o Tiquinho.

Foi a forma de o sancionarem, pelo facto, que eles haviam cometido nesse mesmo dia que foram transferidos para a ala B, foi rotineiro foi então que ele me disse quando abrirem as portas neste caso as celas vêm comigo à ala A, mas disse-me para ficar calado, mas eu pensei, tratava-se do Hugo, era a estrela, era o homem do momento, estava viciado na heroína, exigia aos traficantes que lhe fornecessem droga sem dinheiro, era uma obrigação, ele assim o exigia, um rapaz rebelde de uma forma enorme, foi aí que sucedeu o assalto, eu deixei as portas abrirem não saí, mas sabia que ele sairia, sabia que ele tinha tido alguma brasa na ala A, palavra do calão também brasa, que se pode entender como na gíria do crime um acontecimento de rotina de quem anda

à chuva molha-se.

Depois sai da cela, fiz a minha rotina normal de tomar o pequeno-almoço, depois ir treinar, ir à escola, ir às aulas, nessa manhã do pequeno-almoço, estranhei não os ver pois a minha rotina era esta era a de procurar também, estava viciado, mas ainda não estava verdadeiramente viciado, mas já tinha feito uns assaltos e tinha já extorquido algum dinheiro, durante a manhã vieram-me contar, os rapazes que também eram consumidores eram chamados de piranhas, buscavam a vida de uma forma mais honesta, mas sempre enganadora porque o vício também os levava a isso, o Hugo foi para o pavilhão de segurança com o Tiquinho, mas apareceu outro o Zé bola, angolano morava em Chelas nunca tive bom “feeling” com ele pelo fato de lhe ter dado umas calças de fato de treino, ao Emilio bairro alto e ele queria roubar o Emilio, ele sabia que as calças eram minhas já me tinha provocado várias vezes, mas eu nunca liguei, nunca dei importância eles tiveram uma briga feia o Emilio bairro alto cresceu mesmo aí no bairro alto era atrevido, éramos da mesma criação e ele quis defender aquilo quer era meu, queria defender a honra de sermos bairrista de termos uma ligação de infância, a seguir seguiram-se vários outros, o Profeta, também do bairro e foi aí que se deu a briga feia: o Zé bola era robusto o pesava cerca de 90 kg., o Emilio

era um rapaz seco, típico africano como era mais magro defendeu a honra, enfrentou a situação, o Zé bola queria-o mandar do 3º piso foi onde se deu a discussão, não foi fácil, mas ele sabia que tinha a astúcia de viver e ter de sobreviver à questão. Depois de o Zé bola ter tirado as calças do fato de treino e estar com elas na mão, discutiram; eu sabia que o Emilio ia ganhar, mas nunca pensei que aquilo iria acabar assim o Zé bola queria mandá-lo do 3º piso, agarrou-lhe nas pernas, o Emilio fez aquilo que aprendeu, em último caso, sou eu que me tenho que salvar, agarrou-lhe no pescoço obrigou a quebrar, ou seja, no momento em que agarra o pescoço não o larga, aquilo tinha um corrimão fica de frente ou à entrada das celas, como quer que seja e não oferecia grande segurança, neste caso tornou-se o imprevisível, desde o primeiro momento pensei que eles iam cair, ou seja previ a antecipação da ação, mas depois pensei e ainda tive alguns segundo depois de ter visto e previsto e pensei que aquilo não iria acontecer, mas aconteceu, o Emilio agarrou-lhe no pescoço e não o largou mais, e com a força que o Zé bola fez, ele conjugou duas forças monumentais, não fugir quando se tem razão, foi sempre essa a nossa educação, caíram do 3º piso até pensei que o estrago fosse maior, até pensei que algum deles podia morrer naquela situação, mas felizmente salvaram-se, a força da razão vence sempre penso que a vida é assim, eu fugi agora um bocado ao tema, para

poder explicar todo o percurso que foi feito, dentro deste contexto em que vamos sempre encontrando pessoas, vamos mantendo os contatos porque são elas que nos ajudam a falar a discutirmos situações é tudo agradável se for visto e feito dessa forma, podemos até ter uma vida ligada à toxicodependência, mas sentimo-nos bem, porque estamos dependentes da droga, mas somos pessoas que debatemos temas, de variadíssimos temas, desde o tema mais banal, desde os mais simples como futebol até o mais científico, lemos bastante para podermos depois discutir, foi sempre o nosso forte foi ler, ora bem como deixei mais atrás aqui só quis demonstrar o porquê de eu dizer que nunca tive bom “feeling” com o Zé bola, o Zé bola partiu o braço, ao Emilio não lhe aconteceu nada, ficou ileso, mas foi nesse dia dormir ao hospital, por prevenção. O Zé bola ainda ficou umas 3 semanas no hospital prisional, meteram-lhe platina no braço, foi a mazela maior que ele teve, sinceramente fiquei contente de ver que se safaram, perdoei-lhe a ação, mas eu sei que ficou sempre com rancor de mim, mas pronto, compreendi a situação, deixei-o andar.

Foi nesse dia pela manhã, seriam talvez umas 11 horas da manhã que também o Zé bola tinha ido para o pavilhão de segurança, eu sabia que o Hugo andava com ele, já o tinha visto algumas vezes, estavam no pavilhão de segurança

e levaram a sanção mais rígida dos meios prisionais é chamado manco, é o isolamento, não tens que ter nada da cela a não ser as coisas básicas, teres uma toalha, teres uns lençóis, teres um livro para ler, não podes ter isqueiros da cela e estás fechado 23 horas por dia, é sempre duro de ultrapassar mas acabam-nos por habituar a estas sanções, pois já passamos isto antes, de estar no castigo, o estar no castigo o viver aquela situação, mas não gostávamos de viver daquela forma, nós sabíamos que quem anda à chuva molha-se.

Todo o mal fosse este e aos que tivessem cumprido o castigo e as coisas iriam ficar por ali, mas não, o Hugo no assalto esfaqueou duas vezes o Delfim no estômago, trataram o homem mal, para o roubar pouca coisa, uns gramas de heroína e uns 30 contos, seriam uns 10 gramas, um homem que viria a pagar o preço da sua alcunha Delfim, o patinhas, patinhas porque ele estava preso por assalto ao comboio, fizeram um morto, foi muito falado e conhecido na altura, um assalto de topo, porque envolvia muito dinheiro, era uma quantidade exorbitante, na altura eram os comboios que transportavam o dinheiro dos bancos entre Sintra Lisboa. O assalto aconteceu mesmo aí à saída do comboio de Sintra Lisboa e houve um morto, mas nunca conseguiram provar que foi ele que cometeu o crime do homicídio, nunca

conseguiram provar que ele foi o verdadeiro mentor do homicídio, mas foi condenado e ao longo do seu percurso prisional levou com várias rugas que lhe iam e apanhavam a droga, ele não dava droga a ganhar a ninguém, ou seja, ele vendia, ele guardava a própria droga, ele arranjava cofres dentro da cela, só por uma Chibadela eles poderiam lá chegar, mas isto é por agora.

Como ele tinha a alcunha do patinhas, foi-lhe dada essa alcunha pelo fato de não fiar nada a ninguém, não dar a ninguém, ele sabe que uma mão pode lavar a outra, ou seja, ele poderia dar a ganhar, podia ajudar quando as pessoas lhe pediam ajuda e o Hugo era um rapaz rebelde, estava agarrado. Seguiu-se uma sequência após estes acontecimentos, Delfim foi transferido para Coimbra, Tiquinho vale de judeus, entretanto também eu; estávamos no ano de 1998 mais propriamente junho, dia 27, já me tinha separado do Hugo ele estava em outra cela, havia fatores que levaram a fazer tal, os outros próprios companheiros que o procuravam eram piranhas, porque todos os dias roubavam cerca de 30 a 40 gramas para fumar e consumiam, atraíam a multidão pelo fato de estarem sempre orientados, é chamado a sequência da toxicodependência e foi nessa altura quando ele saiu do manco, decidimos que iríamos ficar na mesma cela, mas esses piranhas falavam sempre

mal de mim, porque para eles eu era mais uma pedra no caminho, tirara-lhes espaço de manobra porque eles sabiam que eu era o verdadeiro piranha, atraía amigos porque sabia me dar ao convívio.

Sabia-me dar ao convívio do contexto da situação e era isso essas tais pessoas que conviviam comigo na circunstância do momento, diziam mal de mim, falaram mal de mim, tudo no intuito de conseguirem usufruir daquilo que o puto arranjava, queriam as atenções para eles e queriam ter as atenções para eles para que pudessem ser eles a estarem bem, ou seja, terem sempre a ressaca tirada, eu não me incomodei com isso sabia que a vida era assim todos querem estar bem e estarem gratos pelo seu proveitos por benefício próprio, mas foram sempre aqueles que eu sempre precisei, eles também precisavam de mim, tornamo-nos uma força unida, ou seja, estarem assegurados se quisessem algum assalto teriam a nossa ajuda, mas para isso também teriam que pagar e foi a altura que fui transferido para tirar um curso em vale de judeus, já tinha dois ou três meses de curso quando o Hugo Rasta foi transferido para vale de judeus, chegou eu recebi-o como irmão, pela amizade que já mantinha com ele, existem quatro alas em vale de judeus alas A, B, C, e D, eu encontrava-me na D, estava na ala com o Delfim já tinha sido transferido de Coimbra para vale de judeus e foi aí que eu disse ao Hugo se queria permanecer

na minha cela, ele queria, só que havia outra questão que ele tinha receio, pois ele já tinha tentando matar o Delfim no Linhó, além de lhe ter dado duas facadas queria mandar o homem do 3º piso cá para baixo e o primo dele, o Bento, impediu de fazer tal, mas ele não quis ficar comigo na minha cela, não porque não quisesse, mas temia a vingança do Delfim, já tinha feito várias coisas na cadeia, tinha respeito, era um homem que se vingava facilmente era conhecido como tal, mas eu disse-lhe esquece isso o homem não se vai vingar de ti, ninguém se vai vingar, tinha uma boa relação com o Delfim disse-lhe várias vezes que não gostei do que lhe fizeram e ele tinha-me dito que já tinha esquecido.

Eu estava a tirar o curso, e estas transferências vieram de uma mareação que aconteceu no Linhó o Hugo Rasta e o Cadete ficaram arguidos num processo de homicídio que se passou no Linhó. Éramos bastante jovens que tínhamos vindo do Linhó poderia mencionar os nomes deles todos, mas não vou só mencionar o nome de alguns, o Tiquinho, o Jonhson, o verdadeiro jogador de futebol, representava todas as seleções das cadeia onde estava ou tinha passado, Toni gaivota, tinha sido transferido por também ter feito vários assaltos no Linhó a traficantes, estava também o Zé Tó, este eu tinha vivido bastante com ele, ainda não estava preso, vivi com ele debaixo do mesmo teto, com umas

raparigas, chavalas que eu tinha a minha ele tinha a dele.

Mas a curiosidade desta história inverteu-se para mim, andava com uma rapariga que consumia cavalo e ela prostituía-se também, aliás eram as duas prostitutas, não gostava de viver dependente de uma mulher, mas gostei dela ao ponto de viver com ela. Eu na altura só consumia cocaína, não aceitava muito bem ela consumir heroína e cocaína, mas mantinha a relação, gostava dela e o Zé Tó e a Ana também eram toxicodependentes e o curioso desta história é que eu dizia sempre ao Zé Tó para ele deixar o cavalo, sempre disse que não iria consumir heroína, mais tarde vim-me a viciar dentro da cadeia e nesse tempo que estive em vale de judeus, estavam lá o Rasta, o Tiquinho viviam-se tempos bons, havia muita abundância do material no mercado, ou seja, havia muita droga e vale de judeus é uma cadeia respeitada, por onde passam muitos homens condenados a penas máximas e sempre teve a fama de ser uma cadeia perigosa, sempre existiram e aconteceram ali homicídios, por isso era uma cadeia com uma fama pesada.

Como havia muito material no mercado todos queriam vender para serem fornecidos com mais material, começa aí a disputa entre o Delfim e o Pinóquio o verdadeiro encontrava-se detido por tráfico de droga internacional,

era o cabecilha e como o homem já tinha já um cadastro nas cadeias de norte a sul de Portugal, e foi aí que começou novamente o que não queria ver ou saber. O Pinóquio pagou ao Hugo uma quantidade grande de droga para espancar o Delfim, ele entrou nisso agrediu violentamente o homem nos balneários, tudo por uma questão de inveja; o Delfim vendia os pacotes maiores e os deles eram mais fracos, foi por isso que o Pinóquio pagou para espancar o Delfim.

Foi um acontecimento que não foi muito agradável, mas também chegou o momento, como também já tinha um cadastro interno e já havia cumprido vários castigos, comecei a ter problemas, comecei a ser perseguido por um indivíduo de alcunha Marcão, ele encontrava-se preso por ter assassinado o irmão, e como eu necessitava de fumar todos os dias comecei a fazer cobranças e foi numa dessas cobranças que esse Marcão apareceu, não me queria deixar levar o dinheiro, achava-se no direito como estava ali a mais anos do que eu, montou-me a barra ou seja queria-me evitar a não levar do dinheiro da cobrança, pois ele tinha aí também dinheiro a receber. Tivemos uma troca de palavras na qual ele mostrou o poder físico, mas não aconteceu nada eu saí com o meu dinheiro, só que isso foi o princípio de ganhar um inimigo, cheguei a fazer um jogo de futebol no qual estava em jogo um volume de tabaco para a equipe que ganhasse, ele jogava na equipe adversária eu encontrava-

me a jogar com a turma que tinha vindo do Linhó, a minha era composta pelo Toni gaivota, o Jorge, o Zé Tó e o Luís e éramos atletas e sabíamos jogar, queríamos ganhar nem que para isso tivéssemos de subestimar o adversário e foi isso que aconteceu, perdemos, perdemos o jogo pois eu fui o cabeça da aposta, tinha empenhado a minha televisão na ganância de ganhar um volume, tinha-a empenhado no Ramon, o cigano, já tinha longo cadastro era um homem batido no meio, como não queria perder disse que não pagava, eles chatearam-se todos comigo e exigiram o volume de tabaco, mas calaram-se, foi então que esse tal de Marcão continuou a dizer que queria o volume e aceitei porque não tinha razão tinha sido o combinado do jogo, era um atleta, lutava sempre pela razão e evitava problemas quando assim tivesse que evitar. Continuei, mas esse rapaz continuou sempre com a tentativa de me provocar; há um dia que estava para ir para o curso de carpintaria, era por isso que eu tinha ido para aí, para vale de judeus, nesse dia aconteceu o inevitável, o guarda foi-me abrir a cela, era raro eu ficar na cela, mas nesse dia estava frustrado, não tinha fumado droga suficiente ia para sair pelo gradão para descer para o curso e vou a passar aparece-me o Marcão, deu-me um encontrão pois como estava frustrado e como já tinha havido antecedentes, matéria provocatória para comigo, não hesitei desferi um soco e ele reagiu, mas não

teve hipótese já o havia estudado, era um lutador, mas estava desesperado em provocar aquilo que aconteceu, foi sensacional, ou seja, não cumpri castigo nenhum porque se encontrava lá nesse dia o chefe da ala, Eduardo, era o nome dele, um homem com cerca de dois metros de altura, forte fisicamente, era um homem honesto, era um homem reto e deixou as coisas assim.

Continuei no curso sempre atento a qualquer investida por parte dele, pois fiquei atento ele tinha levado algum tempo a provocar-me e como tal, precavi-me, aquilo que todos nós temos instinto, o senso comum apelidou as mulheres do sexto sentido, mas também os homens o têm. O sexto sentido é o imprevisível, é o saber jogar e o saber estar e respeitar, nada aconteceu após isso, tentei a seguir provocar, mas não conseguiu pois o meu núcleo era forte, estava assegurado pelo Hugo Rasta, um dos homens mais respeitados no tempo que eu vivi em clausura, só não o considerava o primeiro porque o primeiro, eu; tudo aquilo que ele aprendeu, a coragem que ele demonstrava, já eu tinha tido a bravura e já eu tinha passado, absorvi, absorvi a coragem de saber que tinha ali um guerreiro, um homem leal, um poeta, um homem que gostava de poesias, mas até nisso eu era melhor que ele. Gostava de o ouvir, compus vários versos, um deles dedicado a ele,

eu era o melhor, era a figura carismática dos tempos em que corria, era astuto, era forte, era desinibido, consegui vingar no meio, onde habitava com o resto da população prisional, apanhei muitos, mas era tudo gente pacífica, gente que trabalhava, mas eu não. Quando deixei de trabalhar e tirei o curso, tornei-me aquilo que não me queria tornar, o leão das trevas, voltei ao Linhó, foi aí que tudo progrediu a meu favor pois tinha voltado a casa onde eu já tinha estado e tinha dominado, aí foi a confirmação do meu ser, o renascer do domínio que eu já tinha tido naquela casa, pois tinha mantido o respeito, era duro de roer, então decidi procurar formas mais fáceis para sobreviver das difíceis que já tinha encontrado.

É uma cadeia central de Lisboa, albergava de todo o tipo, filhos da mãe que existem na vida, uns enveredaram pelo crime por coincidência, outros envergaram pelo crime por consciência, existia sempre o fator bom e bem, não temia mais nada senão a mim mesmo, pois já tinha feito tudo, desde ser o bom, o amigo, o protetor, o conciliador, aquele que compreendia todas as situações, que eram amarguradas, que eram ditas por aqueles que desabafavam comigo, pois eu sentia uma grande compaixão, tinha tomado o sentido de união e não queria entrar na desilusão. Prossegui o meu caminho para conseguir uma condicional, mas ainda faltava

algun tempo para poder usufruir da condicional, tomei uma decisão não vou fazer nada que me prejudique, mas sim vou trabalhar para obter a liberdade, tornou-se tudo complicado porque enfrentei um comando bem estruturado pela direção, mas eu podia ter ganho tudo com essa direção. Na altura não aceitava que o motivo que foi levado por essa direção fosse tão rígido, fosse um regime autoritário, pois não estava para aceitar esse regime, pretendia livrar-me mais rápido da cadeia, mas tornou-se ainda mais difícil, mas isso deixo para mais tarde aos leitores para que possam entender todo um percurso que não me canso de repetir, duro de roer, pois bem foi na altura da transição de Manuel T.; o diretor que eu tinha encontrado, foi substituído por João G. o homem que tinha vindo de Macau, um ex-inspetor da Judiciária, um homem que já tinha vivido um atentado por parte da máfia que estava instaurada em Macau, apelidada de 24 Kilates, houve alguns guardas mortos, no exercício da função pois aquilo pertencia à administração portuguesa, aí a razão de enviarem reforços públicos para servir a nação.

Ele sofreu o atentado, escapou, mas o guarda-costas foi morto, subiu, chegou à administração do Linhó, homem reto, ele gostou de mim quando me viu, mandou-me avisar que tinha confiança em mim, mas eu não liguei pois tinha noção da transformação do ser, considerei-me o rei

escorpião, aquele que tem veneno no sangue, não lhe liguei e por não ligar, perdi.

Começou num castigo mínimo na cela de habitação, era um castigo, não era duro, era considerado um castigo normalíssimo no ritmo sociável dentro da cadeia, mas para mim tornou-se num pesadelo, não aceitei tal castigo. O diretor João G. dirigiu-se à minha cela, para falar comigo, para me ajudar, não aceitei tal ajuda, desconfiava da crença que ele tinha, pois estava certo, ele exigia em troca uma colaboração direta daquilo que ele quisesse saber, eu não estava disposto a isso, pois nunca foi de mim colaborar nesses serviços, mas ficou o comprovativo dele de como era um homem bom. Desse castigo, surgiu o pior, tinha tomado dois psicotrópicos, à minha janela encontravam-se: o caçador, o Chibanga e o Piranha, foi o caçador que me deu os dois psicotrópicos, passou um graduado de serviço, era o homem que me tinha levado a estar no castigo de cela, Sampaio era o nome dele. Como o efeito dos psicotrópicos ainda estava em mim, enfureceu-me ver o Sampaio passar em frente à minha cela, parti a cela inteira, cheguei fogo ao colchão, saí, quando os guardas me foram auxiliar, fugi, fui para o pátio, peguei num pau e duas pedras e tinha escrito no braço direito, vingança, desejo cruel. Naquele dia, estava disposto a matar, os guardas ou fosse quem fosse que se

metesse no meu caminho, mas eles foram espertos como sempre, vieram conversar comigo, eles não tinham outra saída, pois sabiam que eu estava enfurecido e tinha uma ala inteira para me defender se eu assim proclamasse, mas não fiquei pela minha conta, como não sabia lutar sem ter razão, ao fim de algumas horas aceitei a redenção, ou seja, é o período em que acabamos as negociações e para que eu não cumprisse muito, aceitei que eles me dessem 20 dias de cela disciplinar, ou seja manco, pois foi aí que conheci Alfredo M., o PSP, o ex-goe, malandro era bairrista, aproveitou o estado para exercer funções como tal, para começar a função na máfia, era um homem duro pois já tinha sido campeão de boxe médio pesado, conhecia-o bem, e foi aí que, quando caí na cela disciplinar, tive um episódio, que não queria ter e que lhe poderia ter tirado a vida, pois já havia antecedentes com os negros que tinham ido cumprir sanções disciplinares, foi uma altura brava, eu já sabia do que se estava a passar acerca do sucedido e já tinha dito em voz alta que eu não iria pagar tal número de ser espancado por ele, pois a direção era duvidosa, estava feita a máfia de todos os negros que caíssem no castigo e tivessem cometido ou levado algum castigo em função de desrespeitar os guardas ou serviços, funcionários ou direção, iriam pagar através de Alfredo M., ele tinha sido ex-psp, ex-bófia, conhecia muitos deles e eu já o conhecia como tal, mas ao proclamar em voz alta

e falar diretamente com o Marine, deu-me a cana, caí no castigo, eu sabia que Alfredo M. iria ter comigo, mas foi aí que eu me enganei. Tentaram-me matar quando me dirigia ao balneário para tomar banho, não conseguiram, com ele estavam mais dois bófias na proteção que nada conseguiram contra mim. Foi na altura que mostrei o querer da minha razão de viver, tinha sido incutida por uma questão de ser bairrista, pois já tinha, vivi no bairro.

Cedo perdi o meu pai, tornei-me adulto mais cedo, isso veio-se repercutir na vida que depois levei, lá está é vivência é transcendência do futuro, cai sobre ela o modo de vida da criação e quando ela é dura, somos obrigados a ter uma educação mais severa, precocemente trás aquilo que provavelmente ninguém deseja de desejar.

Foi nessa altura que já havia passado a fase do Marcão, foi nessa altura que comecei a querer mais a razão, tinha que se ter uma decisão a nível de companheiro e da direção, mas eu sabia que no meio se intrometia a vigilância que era composta por guardas e chefias, consegui, consegui adquirir e me intrometer num outro ser, mas que não era mais que um ser igual a mim, por vezes é uma questão de oportunidades, eu procurei, procuro e procurarei ter a alma do Lusitano, sou descendente da raça lusa da raça brava,

já comandou o Mundo, é óbvio a hereditariedade existe. Por vezes fazemos a seguinte questão, porque existimos, quem somos nós, onde vivemos, são questões que trazem a dúvida de viver, mas sabemos que temos de vencer, foi tudo programado para assim ser, prossegui, o meu caminho prisional, mais tarde depois da briga do Marcão seguiu-se o aparecimento do grupo que compunha os serviços de vigilância chamados guardas prisionais, apanhei bons indivíduos, apanhei de tudo, mas sinceramente eles também só queriam viver, nunca quiseram me prejudicar e eu quis ignorar, lá está, cedo não aprendi que nem sempre se pode ganhar, estava num local inóspito, um local em que a vida nada valia, não tinha interesse em valorizar o verdadeiro sentido do homem que não seja o servir.

Servi, servi tudo o que tinha de servir, fui obediente, sabia que no poder político, no poder social, no poder repressivo existe sempre uma coisa, temos de saber perdoar. Eu poderia ter sido um herói aclamado por eles, regresso a vale de judeus até ser expulso do curso, regresso a de vale judeus, ao Linhó encontrei a mesma chefia pois eles eram aquilo que eu não queria encontrar, revoltei-me contra tudo e todos por tudo o que tinha passado, foi feito assim, vivi com tudo o que eu poderia ter que fazer para ter que sobreviver a tudo o que pudesse enfrentar porque os inimigos eram poderosos

eram as máquinas consumidoras de tudo, eram apelidados de piranhas, ou seja, tinha que sobreviver a tudo, existia a parte diplomática, o estabelecimento das relações, ou seja, temos uma educadora, temos uma assistente, uma psicóloga, uma médica e uma advogada, o que nos vale isso se realmente não houver nada para dizer. Apenas o conviver o momento da circunstância do momento, são simples humanos que se satisfazem a seu belo prazer e tive amores, amores platônicos que se intrometem no meio do ser, neste caso um homem, já tinha tido todos os prazeres da vida, amei uma mulher que ainda permanece no meu espírito na minha alma no meu viver, foi uma paixão intensa, das relações mais duradouras que possam existir, que são prolongadas. Amorosas, divertidas, amar o ser é a necessidade de amar o ser a seu belo prazer para sobreviver.

O relato é direto à ultima circunstância do ser, já todos me conheciam, quiseram-me meter à prova, enfrentei tudo que tinha que poder enfrentar, desde os piores pesadelos, que aprendemos antes do deitar, são histórias contadas do pai e da mãe, para que possamos viver em harmonia e bem-estar para poderem prevalecer o bem-estar e poder-mos preservar os dons da hereditariedade dos primórdios do ser, tudo embora esteja absorvido pelo tamanho, a vastidão é imensa se falarmos da união, a igualdade dos direitos de

ser. Todos nós fomos incumbidos numa missão, ela persiste, continuará a crescer, continuarei a vê-la crescer, com garra, precisão dos momentos da ação, para isso terei de ter exatidão. É com perdão, continuei a vida conforme tinha de continuar e apanhei gente honesta, verdadeira, foi tudo grande, apanhei gente capaz de tudo, estavam determinados a tudo, pois eu tinha o sentido de viver como eles tinham, mas eles queriam ser mais espertos, ultrapassei-os em tudo, eu soube conjugar a esperteza deles comigo com a minha sabedoria, eram astutos, mas quiseram sempre ser mais do que eu, mas eu conjuguei a esperteza deles, soube jogar, joguei também com o saber deles com o meu. Prossegui vivendo em reclusão, enclausurado, foi um tempo duro, por mais beleza que eu pudesse ver, por mais compaixão que eu tivesse que ter, sabia que o caminho era um, sair. Nunca quis prejudicar ninguém, apenas desejei que me deixassem viver, parti então para a batalha que era constante, pois todos eles eram fortes, todos eram seres, mas eu quis saber disso, nem tive nada a ver com o resto da história que se vai passar. Fui duro para os meus companheiros, para todos eles, não escolhi ninguém apenas quis manter a hierarquia da prisão e mantive, todos me obedeciam se eu assim quisesse, mas eu também os deixei viver, foi à minha maneira, droga para eu fumar e eles podiam andar bem, houve quem me chorasse para eu parar pois o caminho era bravo, um caminho duro

para se fazer dentro da prisão, não tinha outra hipótese, era sem escape, vencer ou morrer.

Foi tudo feito pela condenação que eu levei, consegui apesar de tudo isso, encontrar o caminho duro, sabia que poderia sair no meio da pena, poderia saber que também podia sair no final da pena, inverti tudo, ou seja, não me preocupei, porque estava bem, tinha a cadeia sob meu comando, foram todos os meus companheiros, foi aí que eu me enfureci mais pelo sentido do ser, sabia que tinha aliados. Prossegui o caminho da maldade, fui interpretado como tal, julguei-me o leão, mas estava viciado na heroína, uma coisa dura de se fazer, de se consumir. Parti para o combate, o combate que não existe igual, enfrentei: juizes e educadoras e assistentes, chefe de guardas, beneficiei algumas vezes com eles, mas não foram muitas, mas não foram suficientes para dizer que estava bem, pois o seguimento da questão, trouxe-me um problema, o problema maior de todo o ser, sou ou não sou, quero ou não quero, ou seja, tudo o que nós podemos ambicionar, foi a continuação de tudo, tinha aprendido, melhor ainda, tinha vivido uma situação após a separação do meu pai e da minha mãe. O meu pai era militar, a minha mãe na altura não trabalhava, depois veio a trabalhar na limpeza do Curry e Cabral, ainda trabalha lá. Gostava da minha mãe, não aprendi a viver com o meu pai, ou seja, vivi, mas fiquei

sempre com a dúvida, porque ele não tinha bom carácter, ou seja, o carácter era inconstante, era militar desempenhava funções no Estado português, eu ambicionava mais, ou seja, mais do que aquilo que ele construiu. Contudo gerou-se a hereditariedade, melhor explicando a habituação ao sermos pequenos, temos sempre em conta que quem nos dá, será aquilo que todos os filósofos disseram, a aproximação ao exemplo dos pais, porque o exemplo que nos é dado quando nascemos é aquele exemplo de seguir de quem nos põe ao mundo, neste caso será um caso global, havendo pai e mãe, foi a obra a conclusão de eu crescer. Tornei-me naquilo que sou, um ser humilde, pacífico que sabe viver, sou considerado um tipo, aquele que caminha e tem de se alimentar, tornei-me na verdadeira fera, nunca mais encarei a cadeia da mesma maneira, tornei-me o assassino perfeito de todas as situações pois estava para viver, e eles sabiam que eu estava disposto a matar para viver, escolheram como sempre o verdadeiro tipo, aquele que domina todas as situações, jurei a mim mesmo que não lhes faria mal se eles não me fizessem mal. Prossegui, enfurecido, sempre atento a todos movimentos, ou reações, fossem eles de quem fossem, a nível global de companheiros, direção a nível de tudo que engloba todo o ser no mundo da justiça, por tudo isso paguei um preço difícil de pagar por tudo isso foi tudo posto no meu acontecimento, todos me conheciam e eu também os

conhecia a todos, era a perfeição do jogo, era a união, a união de quem convive e está em contato diariamente com a população, independentemente, da situação; como tigre que era não sabia perdoar, eles temiam-me na verdade, eram respeitadores para comigo, não era de nada fazer, estamos a falar de uma prisão, estamos a falar de muita coisa, engloba um valor que é difícil de ganhar, Liberdade, a não ser que não tenhamos que passar por situações mais difíceis da vida viciações, habituações que podem trazer o exagero quando falamos do consumismo, somos seres consumistas, como tal tornei-me a fera invencível autointitulei-me de leão, lutei contra feras iguais a mim, com sabedorias até mais duras, mas eu não sabia perdoar.

Sabia que havia muitos filhos da mãe e as experiências da vida tinham sido diferentes, uns tinham sido filhos de boa gente e outros tinham sido filhos de má gente, como tudo isto quero confirmar a presença de tudo que a sociedade tem para dar, deixam caminhar situações idênticas sem nada fazer, cada um precisa de bem-estar, vivemos numa sociedade em que todos querem bem, contudo é a beleza de ver o próximo, a proximidade, se vieses por bem, vou-te receber bem, se vieses por mal, mal te receberei e levarás com tudo, de todo o meu mal de ser, mas também sei que tenho de caminhar, não posso ser tão duro, eles são mais que

as mães, eu também tinha que respeitar, implantei uma regra para todos estarem bem, sabendo que o crime persiste e a necessidade é grande, deixei-me levar pelos acontecimentos, tornei-me no chamado toxicodependente, aquele que todos desprezam, mas tinha valor e era reconhecido, ninguém, ninguém me iria faltar ao respeito, independentemente, da fraqueza que sentia no momento. Todos eles me aclamaram e respeitaram, queriam mais de mim, teria de ser o exemplo, teria de ser bondoso, mais dócil e afetuoso.

Paguei o preço de não lhes mostrar aquilo que eles queriam ver de mim, fui duro, fui mal educado, fui tudo em prol da minha decisão, poderia ter ganho mais, poderia até beneficiar de mais em tudo, gostavam de mim, chegavam-me a contar até os próprios sonhos, mas eu tornei-me a fera e queria ser. Foi por força da situação que vivia, do enclausuramento, do isolamento, tinha mulheres também era tudo subjugado com o amor platônico, amei-as, amo-as.

Foi tudo uma questão de viver o momento, tive grandes paixões platônicas e amorosas também ao ponto de ter o contato, mas eu evitei sempre estragar a vida de alguém para eu obter o belo prazer, não achei necessidade disso, eu já estava preso, não iria estragar a vida de ninguém se não estragassem a minha. Continuei apaixonado, continuei

a amar como só sabia ser, foram todos, pertenceram ao meu amar, pois eles amavam-me, sinceramente, respeitavam-me, eu é que não vivia bem, estava preso, sabia que tinha de lutar para conquistar tudo o que tinha perdido, a liberdade, mas foi aí que eu não soube parar, direções, assistentes, educadoras, guardas quiseram-me fazer amansar, teria compreendido, mas eu também tinha de parar, parar com tudo, o roubar, o consumir, o desgraçar a vida do outro, mas fui sempre bom, nunca maltratei, nunca espanquei ninguém se não tivesse razão para o fazer e mesmo que a tivesse iria ser difícil de eu o fazer, pela humanidade em si, levei sempre em conta os valores morais, os valores de cada cena, pois eu também sou ser, mas eles sabiam que iam ter a maior fera que alguma vez encontraram, mas foi tudo programado por mim, porque eu assim o quis, deixei-os na expectativa, no receio de eles virem a perder. Tratava-se tudo de expediente, era um expediente de levantar, consumir e dominar, cedo percebi isso, mesmo antes de entrar na cadeia, foram horas difíceis, dias que nunca mais passavam, anos que eu tinha de cumprir, dominei porque tinha de controlar a situação que vinha a seguir, cheguei a brincar, mas a brincadeira ia-me saindo cara. Porque o macaco a brincar, a brincar foi o macaco à cona à mãe, eu ia morrendo numa brincadeira, pois eu sabia dominar. Estava no exercício do dia, queria treinar um bocado e propus-lhe que viesse treinar comigo,

era uma fraca figura, era só por diversão, apertei-lhe o pescoço, ele perdeu os sentidos, mas naquele momento senti um aperto em mim que não queria fazer, como estava a ser demonstrado, brinquei, olhei para ele levantei-me e ele caminhou comigo, disse-lhe se estava tudo bem, não houve resposta em contradição, mas quando o olhei fiquei com a sensação de que realmente tinha-se passado alguma coisa, por ele perder os sentidos. Foi um excesso da confiança, não sabia a minha força e aí começou um inferno que já havia tido, levantei-me e olhei para ele e disse-lhe:

- Estás bem? Deixaste-me preocupado.

Sempre lhe mostrei compaixão pelo momento, não o quis magoar, olhei-o quis apaziguar todo o mal, tinha-o mal entendido do treino, foi exagerado da minha parte, ele acabou por matar-se, foi tudo na esperança de um dia em vale de judeus.

Fiquei na esperança que em vale de judeus iria viver, foi uma simples diversão para mim, ou seja, foi um treino ao qual eu não estava preparado, a minha força estava no auge, dominava, porque sabia dominar, mas como na vida tem o seu preço, paguei um preço elevado por homem demais dentro da cadeia, cumpri até 5/6 da pena, ou seja, qualquer

recluso desde que uma pena superior a seis anos pode usufruir do 5/6, é uma lei.

Mas temos o meio da pena, uns 2/3 e a seguir segue o 5/6. Sai no 5/6 foi tudo um programa feito em prol da minha biografia em vida de reclusão, enclausurado, lidei com boa gente, gente com quem eu negociava, faziam parte da chefia, gente até que eu poderia amar se assim quisesse, depois desde tabaco e não passou daí sentia um ódio imenso por aquela gente. Eram pessoas que nada me diziam, só a chefia pelas próprias funções que desempenhava. Havia um subchefe que eu muito estimava, foi a primeira mulher a ter um desafio meu, fui leal, mas depois pensei que errei foi ela que me recusou a primeira saída precária em 10 anos de reclusão. Ela não me apreciou e exigiu o meu teste de consumo a estupefacientes, mas era astuto demais para perceber que aquilo iria ficar por ali, foi-me concedida a saída precária após um requerimento que eu fiz à doutora juíza. Ela concedeu-me quatro dias de saída precária, na condição de ser ouvido pela chefia, e eles acima ordenaram, doutora juíza concedeu-lhe quatro dias de saída precária, prolongada na condição de fazer o teste de despistagem de estupefacientes, ou seja, a manobra, eles sempre souberam, e eu também o subestimei muitas vezes, mas respeitei-o sempre, porque merecia o meu respeito. Eram seres que

desempenhavam a sua melhor função, mas aconteceu, o teste foi dado positivo pelo consumo de opiáceos, isto é heroína, cannabis, consumo de haxixe, mas eu jogava a meu favor quando meti o requerimento, aleguei tudo aquilo que tinha de alegar, pois era consumidor, tinha pedido um medicamento à minha doutora Ana F., pois foi debaixo, ou por cima de uma discussão acesa que lhe procurei ajuda, por tudo em aquilo que ela me tinha ajudado, pedi-lhe o medicamento, chamado Tramal, foi o momento em que senti que tinha uma aliada doutora Ana F. ou o Tramal acusava opiáceos nas circunstâncias das rotinas, esta era a situação em que estaria limpo. Tinha acusado opiáceos, no teste de despistagem de estupefacientes, foi aí que conjuguei 2+2, ou seja, limpei da despistagem de drogas através da minha médica, ela ajudou-me, passou o documento de afirmação à questão, o despiste de estupefacientes como eu interpôs recurso da decisão que tinha sido feita, o meu direito era recorrer, recorri e requeri para a instância máxima doutora juíza do tribunal de execução de penas, é a instância máxima para que os reclusos sejam mandados em liberdade, com o benefício de usufruir do meio da pena 2/3, gerou-se aí uma batalha, agredi fisicamente um guarda prisional, não foi porque eu quisesse, ele procurou a minha fama era grande de uma plenitude num meio prisional, respeitado, mas também construí este respeito, respeitar, ao respeitar sabia

que não podia jogar contra o sistema. O sistema prevalece por si porque tem que haver ordem social, tudo aquilo que a gente possa querer, o bem-estar, as decisões foram diversas, tive tudo, tudo ao meu alcance para conseguir usufruir do meio da pena 2/3, como a minha fama era vasta no meio dos guardas e no meio dos companheiros, havia guardas que também me queriam desafiar e tudo a nível psicológico, físico e tudo mais que se possa pensar, pois sabia que poderia acontecer nas instâncias que tinha de seguir, são chamadas as audições para no meio da pena 2/3 e 5/6 também, o requerimento se baseou na limpeza do meu relatório face à questão do despiste de cannabis; nesse requerimento disse à doutora juíza que as análises tinham acusado chamon ou haxixe, mas como eu sou um ser social, nunca vivi em proteções dentro da cadeia, ou seja tinha-me que relacionar com o resto da população prisional e disse à doutora juíza que eu não consumia nada na altura, apenas deu como resultado o haxixe, por isso era lógico se eu acompanhava com pessoas que consumiam e conviviam num espaço fechado, era normalíssimo eu acusar haxixe pois respirava o ar. Adiaram-me a decisão da saída precária, pois era na altura do Natal, e doutora juíza ia passar fora duas semanas, ou seja, férias de Natal, mas ela deu-me a razão e deu-me a precária passados quase dois meses e meio, foi um tempo longo de angústia, pois ambicionava sair de precária, pois

já estava dentro a muitos anos, dez anos. Mas ultrapassei e aguentei-me bem até o dia de sair de precária, deu-me quatro dias de saída de precária prolongada, pela qual foi cumprido com êxito. Mas iria ser, um tema mais duro para mim, pois teria de ser mais respeitador e não me meter em problemas, mas logo quando entrei, passados dois meses depois de ter gozado a precária, haveria alguém que me desejaria atrapalhar a vida e aconteceu. Envolvi-me numa briga no qual o rapaz ficou um bocado mal tratado, mas tive a sorte de ele ser um indivíduo, ser um indivíduo com reportório de homem, fomos fechados nas celas, à ordem do inquérito, com isto fomos ouvidos, eu enviei-lhe um papel a pedir-lhe desculpa para que ele não me entalasse, não havia necessidade disso. Fomos ouvidos, o chefe que nos ouviu, era o pastor alemão, a alcunha dele, ao princípio ele não queria ouvir o rapaz, porque dizia que aquilo não podia ser, não podia ter sido uma brincadeira, pois ele tinha-me tentado dar com uma faca. Depois lá conseguiu aceitar a versão do rapaz e chamou-me a mim e eu contei-lhe a mesma versão, que foi um treino, uma brincadeira, que podia ter acabado mal, ele também não aceitou muito bem a versão que eu lhe tinha dito, ou seja, como ele era um guarda batida, já tinha muitos anos de serviço e a lidar com “casdatrolas”, ou seja, é o nome dado a quem já tem muitos anos de cadeia, nada me aconteceu nem a mim, nem ao rapaz, tiraram-nos do castigo.

Prossegui uma vida normal, comecei a evitar ainda mais os problemas, consegui gozar mais quatro saídas precárias com êxito, e aí surgiu novamente, Março de 2007, faltavam-me 11 dias para poder gozar mais uma saída precária, na entrada do mês de abril, eu tinha enganado um indivíduo com droga, ou seja, dei-lhe areia em vez do verdadeiro material, ele veio à carga, eu não o podia agredir senão seria sancionado desta vez, já tinha sido avisado, limitei-me a defender e as coisas ficaram por ali.

Mas um problema nunca vem só, deixei passar aquilo, foi o que aconteceu no advém desta razão, desenrolou-se aquilo que não podia ter desenrolado, novamente uma riga, mas desta vez não me iria safar, iriam-me cortar as precárias e foi isso que aconteceu. Chamei um indivíduo à minha cela para tirar informações pois também este indivíduo não gostava da minha maneira de ser, e tinha jurado ao homem que me deu a informação, o Nuno Maluco, um verdadeiro guerreiro, ele também gozava precárias como eu, tinha-lhe jurado pelo meu sobrinho, que eu não iria fazer nada, que apenas queria saber o nome, insisti durante um dia inteiro na promessa que nada iria fazer, estávamos quase na hora do encerramento das celas, chamei o indivíduo à minha cela perguntei-lhe a razão de ele andar a falar de uma coisa que não tinha

visto, ele desmentiu eu sabia que o Nuno Maluco jamais me iria mentir numa situação destas, foi um dos homens que sempre respeitei, pois ele também era um verdadeiro guerreiro, senti raiva dele me desmentir e desmentir o Nuno. Agredi-o e foi na altura que o guarda entra na minha cela e vê o homem inanimado no chão, pelo soco que lhe desferi, mas o guarda nada viu, apenas viu o homem caído, não podia afirmar nada sem ter presenciado, mas esse indivíduo era um chibo, isso é que iria complicar a minha situação, mas mesmo assim eu sabia que não me iria safar muito bem, pois eu nunca tinha chibado ninguém, e eles de mim, a direção, a chefia estavam desejosos de me sancionar por tudo, pois eu nunca me calei nas reivindicações que os presos faziam para reclamar fosse o que fosse. Fui sempre visto como tal, um incentivador para estas causas ou formas de luta e foi aí que me deram cinco dias de castigo, cumpri-os na cela, foi um castigo menos pesado, defendi-me alegando que o indivíduo se tinha sentido mal e caiu e ele dizia a versão dele, de que realmente tinha sido espancado e isto acontece numa altura em que estava quase para ser apreciado os meus 2/3. Teria grandes hipóteses de sair não havendo nada que me prejudicasse, ou seja, sem sanções disciplinares no meio. Mas desta vez teria mesmo que alegar, inocência quando fosse ouvido para os 2/3, disse à senhora doutora que estava inocente que não tinha feito agressão nenhuma,

que não levasse isso em conta, sentia-me prejudicado pela situação, mas esperei pela decisão e a decisão foi cortada a possibilidade de eu sair aos 2/3 passando diretamente só poder usufruir de nova apreciação, de apreciação dos meus 5/6 da pena, ou seja, sairia de obrigação nos 5/6 porque aí a lei favorece, favorecia neste caso, sairia de qualquer forma nos 5/6, mas iria custar quase mais 3 anos de reclusão, em vez de partir para a insistência de interpor um recurso que anulasse a decisão da doutora juíza para ter nova apreciação antes dos 5/6, para isso teria que andar no mínimo seis meses sossegado. O castigo foi-me dado em março, fui ouvido em maio do mesmo ano, para apreciação da condicional, ainda não tinha vindo a decisão do corte dos 2/3, foi aí que a minha vida se poderia ter complicado ainda mais, sentia-me angustiado, triste, mas sabia também que já tinha passado o grosso da minha condenação. Foi quando aconteceu mais uma situação, desta vez com um guarda, poderia ser uma situação que poderia ter passado, não fosse o fato do guarda me ter falado de uma forma áspera e dura, não acatei a ordem dele, desferi-lhe um soco no rosto, ele estava sozinho comigo, mas apareceu outro guarda, ele juntou-se muito rápido ao colega e juntaram-se em mim para me agredir, já não lhe desferi mais soco nenhum, eles também depressa pararam com a tentativa de me agredir, apenas me pediram para ir para a sala de espera da enfermaria, vieram chefes

falar comigo, a perguntar o que se tinha passado, eu disse-lhes que não aconteceu nada, apenas que não tinha acatado a ordem, pois como o guarda ainda sangrava da boca, sabiam que tinha sido uma agressão fosse de que maneira fosse, de uma simples agressão ou para uma situação accidental e foi isso que eu lhes disse, não tinha razão para agredir o guarda, até falava bem com ele, disse-lhes também que tinha sido um acidente e foi com essa matéria que eu sempre aleguei.

Puseram-me fechado à espera do inquérito, chamada seção de segurança de vale de judeus, chamada de admissão. Mas estava disposto ir com a minha tese avante de que realmente tinha sido um acidente, não poderia admitir que foi um ato involuntário, teria perdido. Então tive que me basear no sentido de que se queria levar esta tese avante, tinha de haver uma contradição entre os guardas. O guarda Leite foi o agredido, mas ele também nunca escreveu de que realmente eu lhe agredi, quem fez a participação foi o outro guarda, que tinha levado lá um rapaz que estava na proteção, ele tinha ido à enfermaria também, é a rotina, estando o recluso em proteção, terá de ser acompanhado por guardas, realmente eu sei que ele viu o que eu fiz, pois ele presenciou tudo, então foi ele que me fez a participação para ser punido com uma sanção disciplinar que me levou a tribunal também.

Mas no dia em que fui ouvido no ministério público, fiquei a conhecer que tinha sido instaurado um processo por uma suposta agressão ao guarda Leite, mas quem me acompanhou nesse dia, foi o guarda Oliveira, a história deste guarda comigo, foi uma amizade que criei dentro da cadeia, frequentava um curso de aplicações de escritório a nível informático, tinha uma monitora chamada Lina, eu apaixonei-me por ela sem querer e esse guarda, o Oliveira, também gostava dela e levou o corte dela. Ele sabia que eu gostava de ela e ela gostava de mim, por isso começou aí o laço, ganhou-me amizade, poderia ter falado mal de mim no intuito de querer ficar com ela, começou a falar mais comigo, e ele a ouvir as minhas declarações no ministério público, e ele anotou tudo o que eu tinha dito, mantive a tese de que tinha sido um acidente, pois nunca eu iria imaginar que esse guarda me iria ajudar, ficou a gostar de mim, depois disso foi parar a Monsanto, uma cadeia que foi remodelada de uma cadeia comum para uma cadeia de alta segurança, foi aí em maio de 2007 que a cadeia foi inaugurada, entretanto fui para Monsanto por ter de aguardar pelo desenrolar do processo, uma cadeia complicada foi feita para albergar terroristas, crimes mais violentos, organizações criminosas, somos sempre vigiados, constantemente, pois vivemos num regime mais severo, ou seja, a princípio os presos

eram todos algemados para sair da cela, só tinham uma hora de recreio por dia. Mas eu só fui para lá em maio de 2008, levei também com esse regime de estar muito tempo fechado na cela, mas eu já não apanhei as algemas, apanhei já um regime que não é aberto, mas que tínhamos outras ocupações, tínhamos futebol, handebol e ginásio, podíamos frequentar a biblioteca também, mas era tudo intercalado, não era tudo no mesmo dia.

Fui responder e voltei a defender a mesma tese, mas quando saí da carrinha para me dirigir à sala de audiência, vejo que o guarda Leite, o ofendido estava acompanhado do guarda Oliveira e estava a longe de imaginar que teria uma surpresa linda quando comecei a ouvir o depoimento do guarda Leite, ouvi a tese que eu tinha defendido quando fui inquirido no ministério público e foi aí que senti que o guarda Oliveira me tinha ajudado. O tribunal também alegou que não ficaram convictos de que realmente foi um acidente, mas fizeram o que lhe competia, não havendo prova em contrário, ninguém pode ser condenado. Fui absolvido e a minha advogada foi excelente também, como tinha ficado à espera do julgamento na cadeia de alta segurança de Monsanto, fizeram-me uma avaliação, faltava-me exatamente dois meses para sair em liberdade e transferiram-me para o I.P. de Alcoentre, já tinha lá passado nessa cadeia, tive uma transferência que

foi no seguimento de várias reivindicações que eu já tinha feito na cadeia, é uma cadeia de regime aberto chamada a colônia prisional, ao faltarem-me dois meses mandaram-me novamente para ali, para sair para a rua, saí.

Como a minha vontade era grande de estar numa cadeia de regime aberto, pois levei um ano e meio em Monsanto e por mais ocupações que nós tenhamos ali, é um regime muito fechado.

Difícil de ultrapassar, mesmo eu que já tinha larga experiência dentro destas casas prisões e foi exatamente aí em Monsanto que larguei a heroína, era impossível entrar ali droga porque não entrava gêneros alimentares nem nada que fosse do exterior, a visita tinha um vidro que não permitia o contato físico, mas sempre disse para comigo de todo o mal que me aconteceu tive um benefício larguei o consumo de heroína.

*** ENCERRAMENTO ***

PINK FLOYD - US AND THEM

“ Us and them
And after all we're only ordinary men
Me and you
God only knows
It's not what we would choose to do
Forward he cried from the rear
And the front rank died
And the general sat
And the lines on the map
Moved from side to side
Black and blue
And who knows which is which and who is who
Up and down
And in the end it's only round 'n round
Haven't you heard it's a battle of words
The poster bearer cried
Listen son, said the man with the gun
There's room for you inside

“I mean, they're not gonna kill ya, so if you give 'em a quick short, sharp, shock, they won't do it again. Dig it? I mean he get off lightly, 'cause I would've given him a thrashing - I only hit him once! It was only a difference

of opinion, but really...I mean good manners don't cost
nothing do they, eh?"

Down and out
It can't be helped that there's a lot of it about
With, without
And who'll deny it's what the fighting's all about?
Out of the way
It's a busy day
I've got things on my mind
For the want of the price
Of tea and a slice "

The old man died

COPYRIGHT © PINK FLOYD
